

LINDNER, Evelin Gerda. "O que são emoções?". [Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury]. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 12, n. 36, pp. 822-845, Dezembro de 2013. ISSN 1676-8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

## O que são emoções?\*

Evelin Gerda Lindner

Tradução de: Mauro Guilherme Pinheiro Koury

**Resumo:** As pesquisas sobre as emoções geralmente se concentram em afeto, sentimento, emoções, roteiro, caráter e personalidade, enquanto os maiores contextos culturais e uma análise de períodos históricos na história humana são menos enfatizados. O diálogo com outras áreas acadêmicas e outras esferas culturais não é fácil de conseguir, mesmo hoje em dia em um mundo cada vez mais conectado. Neste artigo, a abordagem usual é, portanto, invertida: os maiores contextos culturais, moldados ao longo da história humana, são usados como lentes para compreender as emoções e o conflito. Isto, a meu ver, não é negar a importância da investigação sobre afeto, sentimento, emoções, projeto, caráter e personalidade, mas para expandi-la. **Palavras-chave:** emoções, construção social e psicológica das emoções, estado da arte

\*

Você já amou? Já foi traído, e se sentiu como um idiota? Então você sabe a força das emoções e como elas podem ser traiçoeiras. Eu trabalhei como psicóloga clínica no Cairo, Egito, de 1984 a 1991. Eu assisti o conceito ocidental de amor-casamento entre a cultura egípcia. Avós egípcias advertiram contra ele. Disseram-me que milênios de experiência humana haviam revelado para a humanidade que se casar com uma pessoa com quem se apaixonara era quase sempre uma garantia para o fracasso de um casamento. Para elas, os sentimentos eram muito instáveis para uma fundação.

Elas estão erradas? As taxas de divórcio no Ocidente indicam que basear uma instituição que deve proporcionar um ambiente seguro para as crianças sobre os sentimentos frágeis entre os pais implica algumas contradições que só podem ser superadas se os parceiros se mostrarem emocionalmente inteligentes. Infelizmente, nem todos são. Estabilidade é mais facilmente conseguida através de instituições um tanto independentes de sentimentos. Ou não?

Eu frequentemente encontrei mulheres altamente qualificadas em seus trinta anos, em todo o mundo, desesperadas para constituírem uma família. As de sociedades de honra, tradicionais, normalmente rejeitadas por seus pais querem arranjar um casamento; elas colocam a educação em primeiro lugar, seguindo assim suas irmãs nas sociedades ocidentais mais individualistas. Todas esperam o homem "certo". Quando ele não aparece, elas gradualmente reduzem as suas exigências,

\* Primeiro capítulo do livro de Evelin G. Lindner, *Emotion and Conflict. How Human Rights Can Dignify Emotion and Help Us Wage Good Conflict [Emoções e Conflito. Como os direitos humanos podem dignificar as emoções e nos ajudar a travar um bom Conflito]*. (Westport: Praeger Publishers, 2009). Evelin Lindner e a Praeger Publishers gentilmente permitiram a publicação deste capítulo [com ligeiras alterações] na edição deste número da RBSE.

passo a passo. Aos quarenta, muitas destas mulheres altamente educadas suspiram: “Ah, se eu pudesse voltar no tempo, ser jovem de novo, ter alguém e encontrar um pai confiável para os meus filhos e para mim! Esqueçam tudo sobre o amor romântico! Ele é demasiado frágil! O amor, para as crianças, é muito mais profundo e eu já perdi esse amor!”

Estas são emoções extremamente importantes, mas, também, capazes de nos enganar. Só se aprende a guiar as emoções de forma construtiva, e esperar para colher seus frutos.

### Este artigo em um contexto mais amplo

As pesquisas sobre as emoções geralmente se concentram em afeto, sentimento, emoções, roteiro, caráter e personalidade, enquanto maiores contextos culturais e uma análise de períodos históricos na história humana são menos enfatizados. O diálogo com outras áreas acadêmicas e outras esferas culturais não é fácil de conseguir, mesmo hoje em dia em um mundo cada vez mais conectado.

Eu vivi como uma cidadã globalizada por mais de 30 anos e adquiri uma compreensão de muitos reinos culturais. O resultado é que pinto um quadro amplo, que inclui dimensões históricas e transculturais. Neste artigo, a abordagem usual é, portanto, invertida: os maiores contextos culturais, moldados ao longo da história humana, são usados como lentes para compreender as emoções e o conflito. Isto não é negar a importância da investigação sobre afeto, sentimento, emoções, projeto, caráter e personalidade, mas para expandi-la.

Comecei o meu trabalho sobre humilhação, em 1996, com a minha pesquisa de doutorado sobre as matanças genocidas que ocorreram em Ruanda, em 1994, na Somália, em 1988, sobre o pano de fundo da Alemanha nazista. Em 2001, defendi uma tese intitulada *A Psicologia da Humilhação: Somália, Ruanda / Burundi, e de Hitler Germany*<sup>1</sup>. Desde então, os meus estudos têm se expandido pela Europa, Sudeste Asiático, Estados Unidos, entre outros lugares. Estou atualmente construindo uma teoria da humilhação transcultural e transdisciplinar, o que implica elementos da antropologia, história, filosofia social, psicologia social, sociologia e ciência política<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> E. G. Lindner, *The Psychology of Humiliation: Somalia, Rwanda / Burundi, and Hitler's Germany* (Oslo: University of Oslo, Department of Psychology, doctoral dissertation in psychology, 2000).

<sup>2</sup> See [www.humiliationstudies.org/whoweare/evelin02.php](http://www.humiliationstudies.org/whoweare/evelin02.php). See here some selected publications: E. G. Lindner, *The Relevance of Humiliation Studies for the Prevention of Terrorism* (Budapest: Paper presented to the NATO Advanced Research Workshop Indigenous Terrorism: Understanding and Addressing the Root Causes of Radicalisation among Groups with an Immigrant Heritage in Europe, March 7-9, 2008, 2008), E. G. Lindner, "Humiliation, Trauma, and Trauma Recovery in a Globalizing World," in *Peacebuilding for Traumatized Societies*, ed. B. Hart (Lanham, MD: University Press of America, 2008), 49-64, E. G. Lindner, "Avoiding Humiliation—From Intercultural Communication to Global Interhuman Communication," *Journal of Intercultural Communication, SIETAR Japan*, 10 (2007): 21-38, E. G. Lindner, "In Times of Globalization and Human Rights: Does Humiliation Become the Most Disruptive Force?," *Journal of Human Dignity and Humiliation Studies*, 1, n. 1, March (2007): [www.humiliationstudies.upeace.org/](http://www.humiliationstudies.upeace.org/), E. G. Lindner, "Dynamics of Humiliation in a Globalizing World," *International Journal on World Peace*, XXXIV, n. 3, September (2007): 15-52, E. G. Lindner, "Humiliation and Global Terrorism: How to Overcome It Nonviolently," in *Encyclopedia of Life Support Systems (EOLSS), Theme 6.120: Nonviolent Alternatives for Social Change*, ed. R. Summy (Oxford: Developed under the Auspices of the UNESCO, EOLSS, [www.eolss.net](http://www.eolss.net), 2007), E. G. Lindner, *Making Enemies: Humiliation and International Conflict* (Westport, CT: Greenwood/Praeger Security International, 2006), E. G. Lindner, N. R. Walsh, and J. Kuriansky, "Humiliation or Dignity in the Israeli-Palestinian Conflict," in *Terror in the Holy Land, Inside the Anguish of the Israeli-Palestinian Conflict*, ed. J. Kuriansky (Westport, CT: Greenwood/Praeger Security International, 2006), 123-131, E. G. Lindner, "Humiliation, Killing, War, and Gender," in *The Psychology of Resolving Global Conflicts: From War to Peace. Volume 1: Nature Vs. Nurture*, ed. M. Fitzduff and C. E. Stout (Westport, CT: Greenwood/Praeger Security International, 2006), 137-174, A. C. Hudnall and E. G. Lindner, "Crisis and Gender: Addressing the Psychosocial Needs of Women in International Disasters," in *Handbook of International Disaster Psychology (Vol 4): Interventions With Special Needs Populations*, ed. G. Reyes and G. A. Jacobs (Westport, CT: Greenwood/Praeger, 2005), 1-18, E. G. Lindner, "Humiliation or Dignity: Regional Conflicts in the Global Village," *International Journal of Mental Health, Psychosocial Work and Counselling in Areas of Armed Conflict*, 1, n. 1, January (2003): 48-63, [www.transnational.org/forum/meet/2002/Lindner\\_RegionalConflicts.html](http://www.transnational.org/forum/meet/2002/Lindner_RegionalConflicts.html), E. G. Lindner, "Healing the Cycles of Humiliation: How to Attend to the Emotional Aspects of "Unsolvably" Conflicts and the Use of "Humiliation Entrepreneurship"," *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, 8, n. 2 (2002): 125-138, [www.informaworld.com/smpp/ftinterface~content=a785828772~fulltext=713240930](http://www.informaworld.com/smpp/ftinterface~content=a785828772~fulltext=713240930), E. G. Lindner, "Humiliation—Trauma That Has Been Overlooked: An Analysis Based on Fieldwork in Germany, Rwanda / Burundi, and Somalia," *Traumatology*, 7, n. 1 (2001): Article 3 (32 pages), [tmt.sagepub.com/cgi/content/abstract/7/1/43](http://tmt.sagepub.com/cgi/content/abstract/7/1/43), E. G. Lindner, "Humiliation and the Human Condition: Mapping a Minefield," *Human Rights Review*, 2, n. 2 (2001): 46-63, E. G. Lindner, "Were Ordinary Germans Hitler's "Willing Executioners"? Or Were They Victims of Humiliating Seduction

Em outras palavras, a minha vida tem sido profundamente afetada pelas transições históricas que a humanidade está passando agora. Emoções e conflitos se encontram profundamente inscritos na mesma transição histórica. Da mesma forma, todos os pesquisadores, incluindo os pesquisadores sobre emoções e conflito, e os seus leitores não vivem em uma bolha. Todos são partes de contextos sociais.

Deixe-me brevemente pintar esses contextos com um pouco mais de profundidade. As emoções foram usadas como ferramentas secretas na dinâmica de poder do passado. Quem está no poder manipula as emoções para vencer conflitos preventivamente, antes que eles possam entrar abertamente em erupção. O poderoso, assim como os "sucessivamente enganados", sem poder, têm grandes dificuldades de compreender essa manipulação, principalmente porque, como mencionado anteriormente, ela é secreta e se é normalmente cego para esse tipo de manipulação. Todo mundo é, até certo ponto, vítima, os sem poder tanto quanto os poderosos nasceram em contextos culturais e sociais preexistentes que os moldaram e os definiram. As histórias de Adão e Eva e a história do Japão são histórias destinadas a ilustrar a imensa luta que se encontra associadas a este processo de libertação.

Em outros tempos, as elites do poder tratavam os seus subordinados como ferramentas sem vida, e, na melhor das hipóteses, como animais domesticados. Ferramentas construídas a partir de matéria inanimada não sentem emoções, e, no caso dos animais domésticos, pode se esperar razoavelmente que estes se mostrem contentes ao receberem comida e abrigo, possivelmente, até quando se destinem ao abate. Toda a gama de emoções humanas, talvez, seja o componente mais importante que distingue os seres humanos dos não humanos. E esse *intermezzo* é precisamente o que foi negado à maioria dos seres humanos durante milênios em quase todos os lugares do globo. Curiosamente, isto tem sido obtido através de cooptação das vítimas. Ainda mais surpreendente é que faz apenas algumas centenas de anos que esta tragédia de sofrimento geracional começou a ser desmascarada e começou a mudar. (Muitas religiões ensinam que todos os seres humanos merecem ser tratados como iguais em dignidade. No entanto, no passado, esses ensinamentos eram geralmente cooptados por instituições hierárquicas).

Regimes ditatoriais devem temer a mudança mais do que qualquer coisa: e se os subalternos desmascararam o fato de que são mantidos em cativeiro? E se eles descobrem que são tratados como ferramentas inanimadas ou animais domesticados? E se eles se perguntam por que têm de engolir a humilhação? E se duvidarem de que não têm outras opções, além do viver e morrer por caprichos de seus mestres? E se questionarem e afirmarem que gostam de respeito como seres humanos completos? E se eles percebem que quem está no poder não apenas ignora as vidas dos outros, mas também exibem uma surpreendente falta de visão realista de seus próprios interesses?<sup>3</sup> E se descobrirem que os seus líderes se envolveram em uma marcha da insensatez?<sup>4</sup>

Se nós nos colocarmos na posição das elites totalitárias (usando uma *empatia realista*<sup>5</sup>), podemos esperar deles o apoio às pesquisas sobre as emoções ligadas ao distúrbio de desobediência de ordem e de tranquilidade. O objetivo de tal pesquisa seria o de ajudar no controle da raiva dos subordinados, para que possam vir a ser mais complacentes. Ou, eles podem financiar a pesquisa sobre os próprios anseios "racional" dos mestres de segurança. Os ditadores geralmente preferem que os especialistas em conflito se concentrem em temas "mais seguros", sobre assuntos "mais duros", como comida, abrigo, ou a força de arsenais de armas inimigas, em suma, sobre "recursos".

No entanto, mesmo quando os recursos são escassos, não causam automaticamente problemas. É um tema recorrente na psicologia da paz que a escassez ambiental é fundamentalmente um problema psicológico<sup>6</sup>. Tudo pode ser negociado pragmaticamente, - tudo, isto é, exceto as mais fortes e quentes emoções. Têm sido elaborados *scripts* culturais, por exemplo, no seio das famílias, para combater o problema da escassez de recursos, através da cooperação. Esses *scripts* se concentram

---

and Abandonment? The Case of Germany and Somalia," *IDEA: A Journal of Social Issues*, 5, n. 1 (2000): /www.ideajournal.com/articles.php?id=31 l.

<sup>3</sup> Krippendorff, Ekkehart, *Staat und Krieg. Die Historische Logik Politischer Unvernunft* (Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1985).

<sup>4</sup> B. W. Tuchman, *The March of Folly: From Troy to Vietnam* (New York: Knopf, 1984). Tuchman vê "a estupidez" como um fato histórico inevitável, enquanto Krippendorff a identifica como uma patologia incurável em diversos países.

<sup>5</sup> R. K. White, *Fearful Warriors: A Psychological Profile of U.S.-Soviet Relations* (New York: Free Press, 1984).

<sup>6</sup> D. J. Christie, "What Is Peace Psychology the Psychology of?," *Journal of Social Issues*, 62, n. 1 (2006): 1-17, retrieved on August 14, 2007, from www.blackwell-synergy.com/doi/pdf/10.1111/j.1540-4560.2006.00436.x,9.

em estratégias divergentes como distribuir os recursos igualmente, inventando novas maneiras de aumentar o *bolo* de recursos, e encontrar recursos alternativos. Esta cooperação se rompe, no entanto, quando os sentimentos se tornam hostis, quando grupos definem outros grupos como não grupos, como *outsiders* e não amigos, e com quem a cooperação se torna "impensável", mesmo que viesse a resolver todos os problemas de recursos e servir à sobrevivência de todos.

Esta pequena palavra, "impensável", atesta quão fortes as emoções podem ser. As paixões mostram a sua força. Muitos vícios são de ordem "psicológica." Nós todos sabemos que é inútil dizer a pessoas viciadas que muito de sua situação é apenas "psicológica" e, portanto, facilmente estancável. Se fosse assim tão simples, não haveria dependência psicológica. Experiências passadas de humilhação, da mesma forma, podem ser difíceis de conter. Elas são frequentemente lembradas ano após ano, com veemência e, muitas vezes, obsessivamente, e com grandes detalhes. Sentimentos de humilhação e medo de humilhação são o que eu chamo de "a bomba nuclear das emoções".

A atual crise econômica pode ser inscrita nessa dinâmica, pelo menos em parte. Até recentemente, era "impensável" duvidar da crença de que o "livre mercado", definido como a maximização do lucro desenfreado, iria proteger a todos com segurança contra futuras humilhações e sempre "vitorioso", em relação a humilhação Soviética do passado.

As emoções podem ser causas mais impermeáveis de desastre do que a necessidade de sobrevivência: as emoções podem até mesmo substituir a sobrevivência, como o Kublai Khan<sup>7</sup> deste mundo tem mostrado. Por qual outra razão as elites no poder colocariam a vida de milhões em duelo e conflitos violentos, com o risco de perder o acesso aos recursos essenciais e pôr em perigo a sobrevivência nacional? Medo de covardia desonrosa!<sup>8</sup>

Em outras palavras, as emoções e o autointeresse de sobrevivência em longo prazo não necessariamente andam juntos. Essa contradição se torna particularmente visível quando os líderes misturam a conversa de honra de que "é impensável falar com o inimigo", como retórica de sobrevivência. Esta contradição é gritante quando as elites, enquanto tomam decisões mortais para seus subordinados, não apenas sobrevivem, mas vivem no luxo, ganhando pontos de glória pagos sob a vida de seus subordinados.

Ao longo da história, subalternos morreram pela honra de seus mestres, aconselhados a definir a sua própria honra como a de identificação fiel com seus mestres, sem se preocupar com a sua própria saúde e sobrevivência e sem questionar a realidade desta honra. Adolf Hitler exigiu que os seus seguidores estivessem prontos para morrer por ele "com entusiasmo" ("*begeistert sterben*")<sup>9</sup>. E, no final, até mesmo o poderoso pode pagar com sua própria vida. A "glória" de Hitler, finalmente, terminou em uma morte miserável também para ele.

A atual crise financeira global oferece ainda outra ilustração. Se lermos David J. Rothkopf, um pequeno número de pessoas poderosas (cerca de 6.000), em grande parte não eleitas em todo o globo, moldaram o mundo durante as últimas décadas tornando a crise financeira possível, e fizeram isso através da mesma mistura de jogo de poder autocentrado e sem consideração pela sobrevivência em longo prazo, de forma autodestrutiva e destruidora de outros<sup>10</sup>. Em outras palavras, o poder parece se tornar arrogante a ponto de cegar, até mesmo em relação ao autointeresse. O ex-presidente do Federal Reserve Alan Greenspan disse que estava "em um estado de choque de descrença" e que errou ao pensar que confiar nos bancos para o uso de seus próprios interesses seria o suficiente para proteger os acionistas e sua equidade<sup>11</sup>.

Uma das premissas deste artigo é que a humanidade necessita embarcar em um esforço para guiar a si própria dos jogadores destrutivos, seja no Ocidente ou no resto do mundo, dos oligarcas aos Bin Ladens deste mundo, para que os Mandelas possam construir vidas em planos de igualdade e dignidade para todos.

<sup>7</sup> Primeiro imperador chinês de origem mongol nascido durante a campanha de Genghis Khan à China. [Nota do tradutor].

<sup>8</sup> Henry Kissinger disse: "Eles querem nos humilhar e temos que humilhá-los". Gore Vidal, escritor americano, vindo de uma família de políticos de destaque, tem a distância e a coragem para desmascarar a autodestruição de tais abordagens. G. Vidal, J. Parini, ed., *The Selected Essays of Gore Vidal* (Toronto: Doubleday, 2008).

<sup>9</sup> Entrevista com Paul Lindner, July 22, 2008.

<sup>10</sup> D. J. Rothkopf, *Superclass: The Global Power Elite and the World They Are Making* (New York: Farrar, Straus and Giroux, 2008).

<sup>11</sup> BBC NEWS, October 10, 2008, [news.bbc.co.uk/go/pr/fr/-/2/hi/business/7687101.stm](http://news.bbc.co.uk/go/pr/fr/-/2/hi/business/7687101.stm).

Se si quiser criar um mundo decente, isso implica que pelo menos os estudiosos devem ter cuidado, na escolha das pesquisas que conduzem. Financiadores apegados a paradigmas autoritários tradicionais podem não gostar, no entanto, é preciso estudar e compreender melhor as emoções e reconhecer a sua vulnerabilidade de sua má utilização. Só então se será capaz de elaborar abordagens do tipo Mandela – que conduzam a compreensão de como transformar as sociedades de forma construtiva, para que todos possam viver a plenitude de suas emoções e se engajarem em conflitos não violentos. A questão a ser abordada é a seguinte: como dar um salto para um novo mundo de emoções dignificantes e empreender um conflito de boa qualidade?

Uma nova consciência deve ser promovida, novas habilidades aprendidas e novas instituições construídas. A humanidade deve ampliar a sua perspectiva em duas dimensões – *para cima e mais largo* e *para baixo e mais profundo* [*up and wider and down and deeper*]. Em primeiro lugar, uma visão panorâmica mais precisa a ser desenvolvida, que permita um horizonte mais amplo, de modo que todos os seres humanos aprendam a ser cuidadores e administradores do seu planeta natal. Em segundo lugar, se tem de ir mais longe e mais fundo nos detalhes, - olhar mais de perto, diferenciar com mais rigor, e abster-se de generalizações e soluções inflexíveis.

Cada aspecto da vida humana necessita de escrutínio. Deixe-me dar um breve exemplo. Homens e mulheres precisam recalibrar as suas definições de racionalidade. Como discutido, a honra tradicional aprisionam os homens (e suas mulheres) em uma dependência mortal de emoções "irracionais". Em um olhar mais atento, a "inferioridade" feminina, - supostamente devida à inadequada e irracional emotividade feminina, - pode representar a verdadeira racionalidade de sobrevivência, em oposição à atração de capitais e objetivos "superiores". Muitas vezes as mulheres valorizam a existência de uma nova geração em vez da morte honrosa para/pela glória, - seja a glória dos livros de história ou do céu. Isso não quer dizer que as mulheres são necessariamente mais pacíficas por natureza ou que não aspiram a objetivos mais elevados e dignos. Os combatentes da liberdade se sacrificam por objetivos mais elevados e são amplamente considerados como heróis por mulheres e por homens. O que é destrutivo é o "irracional" e contraproducente sacrifício, o sacrifício informado por códigos de honra obsoletos (incluindo o sacrifício investido na tentativa de alcançar os direitos humanos através de métodos "honoráveis" de dominação – os direitos humanos não podem ser bombardeados nos corações e mentes das pessoas).

Em suma, as emoções são dignas de uma séria atenção de todos que querem deixar a classificação pela honra para trás, para atender no processo, junto aos níveis de igualdade em relação à dignidade, onde não há mais seres superiores e inferiores.

Precisamos entender como as emoções e o conflito geram ciclos de autopropagação malignos - ou benignos, - e usar esse conhecimento para criar ciclos mais benignos de cooperação digna. "Cooperação chama cooperação, enquanto a concorrência chama competição" <sup>12</sup>. Essa é a essência da *lei crua das relações sociais* de Morton Deutsch, e os ciclos de cooperação são aquilo que temos de colocar no lugar dos ciclos de violência e humilhação.

### Como as pesquisas em emoções se desenvolvem

Aprendemos com Joseph P. Forgas que:

"Os indivíduos que sofrem certos tipos de dano cerebral no córtex pré-frontal, que prejudica as reações afetivas, mas deixam intactas as capacidades cognitivas, tendem a tomar decisões sociais desastrosas e suas relações sociais sofrem nesse sentido, apesar de sua capacidade de resolução de problemas intelectuais possam ser completamente normal" <sup>13</sup>.

Se isso é verdade, temos que nos perguntar: "Como podem as emoções ser menos do que o tópico essencial para a pesquisa acadêmica?"

A resposta, como já mencionada, é que os enquadramentos culturais também definem as posturas na academia. Até recentemente, a cultura do mundo acadêmico favoreceu a pesquisa sobre cognição. As emoções podem ser relativamente vistas como um novo enfoque. As emoções tiveram uma má publicidade por um longo tempo. As emoções eram vistas como ofensivamente irracionais

<sup>12</sup> M. Deutsch, *The Resolution of Conflict: Constructive and Destructive Processes* (New Haven, CT: Yale University Press, 1973), 367.

<sup>13</sup> J. P. Forgas, "Introduction: Affect and Social Cognition," in *Handbook of Affect and Social Cognition*, ed. J. P. Forgas (Mahwah, NJ: Erlbaum, 2001), 1-24, 3.

e incontroláveis, um aspecto da natureza humana que seria melhor se negado ou suprimido. Forgas disse: "É surpreendente que, apesar do fascínio de longa data sobre a influência intrigante de sentimentos sobre o pensamento e o comportamento, grande parte da pesquisa científica sobre o tema tenha sido realizada apenas nas últimas duas décadas ou pouco mais"<sup>14</sup>. Peter T. Coleman explica que "alguns estudiosos afirmam que as reações extremas observadas em muitos conflitos são baseadas principalmente em respostas emocionais"<sup>15</sup>. No entanto, surpreendentemente, até recentemente, os pesquisadores têm dado pouca atenção ao papel que as emoções desempenham nos conflitos"<sup>16</sup>. Como Coleman reconhece as emoções e a racionalidade não podem ser divididas. Ele afirma,

Com efeito, a distinção geral entre emotividade e racionalidade pode ser bastante duvidosa quando se trata de conflitos incontroláveis, onde são muitas vezes inseparáveis. Aqui, indignação, raiva e justiça são motivos suficientes para a ação punitiva. Esta é a dimensão essencial do sofrimento e da dor humana, de sangue e de dor, que em grande parte define o domínio de conflito incontrolável<sup>17</sup>.

No entanto, os tempos mudaram. Palavras como "revolução" ou "explosão" têm sido usadas para o recente surgimento de emoções como tema de pesquisa. Terence G. Wilson profetizou, "As emoções serão na virada do século, o que a revolução cognitiva foi para os anos de 1960 e 70"<sup>18</sup>. Ou: "Nos últimos 20 anos houve uma revolução no estudo das emoções"<sup>19</sup>. Ou, "nos últimos anos, tem havido uma explosão de interesse nas questões sobre a natureza da experiência emocional"<sup>20</sup>, tanto nas disciplinas científicas<sup>21</sup> quanto no senso comum<sup>22</sup>.

Novas pesquisas sobre neurônios-espelho [*mirror neurons*] sustentam com provas concretas a recente ênfase nas emoções, gerando manchetes em jornais tradicionais como o *New York Times*: "informou o Dr. Keysers que as emoções sociais como a culpa, a vergonha, o orgulho, o embaraço, o nojo e a luxúria são abalizadas em um sistema de neurônios-espelho exclusivamente humano encontrado em uma parte do cérebro chamada *ínsula*,"<sup>23</sup>.

<sup>14</sup> Ibid, Prefacio.

<sup>15</sup> W. B. Pearce and S. W. Littlejohn, *Moral Conflict: When Social Worlds Collide* (Newbury Park, CA: Sage, 1997).

<sup>16</sup> B. Barry and R. L. Oliver, "Affect in Dyadic Negotiation: A Model and Proposition," *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 70 (1996): 175-187, quoted by P. T. Coleman, "Characteristics of Protracted, Intractable Conflict: Toward the Development of a Metaframework-I," *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, 9, no. 1 (2003): 1-37, 25.

<sup>17</sup> P. T. Coleman, "Characteristics of Protracted, Intractable Conflict: Toward the Development of a Metaframework-I," *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, 9, no. 1 (2003): 1-37, 25.

<sup>18</sup> In T. J. Mayne and G. A. Bonanno, eds., *Emotions: Current Issues and Future Directions* (New York, London: Guilford Press, 2001), Preface p. xviii, ênfase acrescentada.

<sup>19</sup> K. W. Fischer and J. P. Tangney, "Introduction: Self-Conscious Emotions and the Affect Revolution: Framework and Overview," in *Self-Conscious Emotions: The Psychology of Shame, Guilt, Embarrassment, and Pride*, ed. K. W. Fischer and J. P. Tangney (New York: Guilford Press, 1995), 3-24, 3, ênfase acrescentada.

<sup>20</sup> K. N. Ochsner and L. Feldman Barrett, "A Multiprocess Perspective on the Neuroscience of Emotion," in *Emotions: Current Issues and Future Directions*, ed. T. J. Mayne and G. A. Bonanno (New York: Guilford Press, 2001), 38-81, 39, ênfase acrescentada.

<sup>21</sup> Ver, por exemplo, P. Ekman and R. J. Davidson, *The Nature of Emotion: Fundamental Questions* (New York: Oxford University Press, 1994); M. Lewis and J. M. Haviland, *Handbook of Emotions* (New York: Guilford Press, 1993).

<sup>22</sup> Ver, por exemplo, A. R. Damasio, *Descartes' Error: Emotion, Reason, and the Human Brain* (New York: Putnam, 1994); D. Goleman, *Emotional Intelligence* (New York: Bantam Books, 1995); J. E. LeDoux, L. M. Romanski, and A. E. Xagoraris, "Indelibility of Subcortical Emotional Memories," *Journal of Cognitive Neuroscience*, 1 (1989): 238-243.

<sup>23</sup> Sandra S. Blakeslee, "Cells That Read Minds," *New York Times*, January 10 (2006): Section F, Column 2, ScienceDesk, retrieved on January 10, 2006, from [www.nytimes.com/2006/01/10/science/10mirr.html?ei=5088&en=4b525f923a669928&ex=1294549200&partner=rssnyt&emc=rss&pageted=print](http://www.nytimes.com/2006/01/10/science/10mirr.html?ei=5088&en=4b525f923a669928&ex=1294549200&partner=rssnyt&emc=rss&pageted=print), 3. Christian Keysers foi um investigador líder no grupo de pesquisa em Parma que fez a descoberta original de neurônios-espelho, entre 2000 a 2004. Hoje, ele é o diretor científico do Centro de Neuroimagem e Professor para o Neurobiologia de Empatia na Faculdade de Medicina do Centro Médico Universitário de Groningen. Ver, por exemplo, C. Keysers and V. Gazzola, "Towards a Unifying Neural Theory of Social Cognition," in *Progress in Brain Research, Vol. 156*, ed. S. Anders, G. Ende, M. Junghofer, J. Kissler, and D. Wildgruber (Amsterdam: Elsevier, [www.bcn-nic.nl/txt/people/keysersgazzolapbr.pdf](http://www.bcn-nic.nl/txt/people/keysersgazzolapbr.pdf), 2006). See, furthermore, C. D. Frith and D. Wolpert, eds., *The Neuroscience of Social Interaction: Decoding, Influencing, and Imitating the Actions of Others* (Oxford: Oxford University Press, 2004), M. Hopkin, "How We Judge the Thoughts of Others: Brain Division Could Help Explain Stereotyping, Religious Conflict and Racism," *Nature*, (2008): retrieved on April 28, 2008, from

Esta tendência ocorre justamente com a revelação de uma nova pesquisa que informa que o *Homo Sapiens* é um animal social que se desenvolve na expansão de processos de interligação e cooperação em vez de isolamento e confronto; ver, por exemplo, "O Cérebro Humano: prontos para conexões" ["The Human Brain: Hardwired for Connections"]<sup>24</sup> - até mesmo os ratos são capazes de uma reciprocidade generalizada, e não apenas de uma reciprocidade direta<sup>25</sup>.

Em "Por que fere ficar de fora: a sobreposição neurocognitiva entre dor física e dor social" ["Why It Hurts to Be Left Out: The Neurocognitive Overlap between Physical Pain and Social Pain"], vemos: "o vínculo social é uma necessidade tão básica como o ar, a água ou os alimentos e que, como essas necessidades mais básicas, a ausência de conexões sociais provoca dor. De fato, propomos que a dor da separação ou da rejeição social, não pode ser muito diferente de alguns tipos de dor física<sup>26</sup>".

Pesquisadores do Instituto de Formação Jean Baker Miller, do Wellesley College, com a sua teoria cultural-relacional (TRC)<sup>27</sup>, postulam que as relações – especificamente as relações de suporte e apoio ao crescimento, - são uma necessidade humana central. Eles contestam o domínio da perspectiva individualista e propõem uma análise relacional do desenvolvimento psicológico<sup>28</sup>.

Ter amigos (ao invés de dinheiro) também está no cerne da felicidade. A psicologia positiva foi catapultada para a ribalta apenas muito recentemente. O Prêmio Nobel Daniel Kahneman, juntamente com Martin Seligman e Ed Diener explicitam os componentes da felicidade<sup>29</sup>. *Tropeçando na felicidade* [*Stumbling on Happiness*] é o título deste livro premiado<sup>30</sup>.

Em suma, uma visão otimista da pesquisa sobre emoções - com muitas abordagens divergentes convergindo - está começando a trazer contribuições significativas para a compreensão da condição humana. Entendemos que a história molda a vida humana (incluindo as emoções) e é por sua vez moldada pela interferência humana. Cada vez mais entendemos que podemos e devemos intervir neste processo de forma proativa. Antes, uma pequena elite detinha o poder final sobre como os seres humanos viveriam suas vidas. Hoje, cada indivíduo tem o potencial para se tornar um jogador importante. Vamos nos tornar Mandelas humildes que se esforçam para aperfeiçoar o ajuste huma-

---

www.nature.com/news/2008/080317/ full/news.2008.677.html, M. Iacoboni et al., "Cortical Mechanisms of Human Imitation," *Science*, 286, no. 5449 (1999): 2526-2528, D. McNeill, *Gesture and Thought* (Chicago: University of Chicago Press, 2005), V. S. Ramachandran, *Mirror Neurons and Imitation Learning As the Driving Force Behind "the Great Leap Forward" in Human Evolution* Edge Foundation, retrieved on August 14, 2006 from www.edge.org/documents/archive/edge69.html, 2000), G. Rizzolatti and L. Craighero, "The Mirror-Neuron System," *Annual Review of Neuroscience*, 27 (2004): 169-192, M. A. Umiltà et al., "'I Know What You Are Doing': A Neurophysiological Study," *Neuron*, 31 (2001): 155-165, B. Wicker et al., "Both of Us Disgusted in My Insula: The Common Neural Basis of Seeing and Feeling Disgust," *Neuron*, 40, no. 3 (2003): 655-664.

<sup>24</sup> A. Banks and J. V. Jordan, "The Human Brain: Hardwired for Connections," *Research & Action Report*, 28, no. 2, Spring/Summer (2007): 8-11, lido em July 20, 2007, a partir de www.wcwonline.org/joomla/index.php?option=com\_content&task=view&id=1358&Itemid=198. Ver, também, R. I. M. Dunbar, "The Social Brain Hypothesis," *Evolutionary Anthropology*, 6 (1998): 178-190.

<sup>25</sup> Ver T. Pfeiffer et al., "Evolution of Cooperation by Generalized Reciprocity," *Proceedings of the Royal Society of London, Series B*, 272 (2005): 1115-1120, lido em July 8, 2007, from www.journals.royalsoc.ac.uk/content/u47987fqkfy74u7p/fulltext.pdf.

<sup>26</sup> N. I. Eisenberger and M. D. Lieberman, "Why It Hurts to Be Left Out: The Neurocognitive Overlap Between Physical Pain and Social Pain," in *The Social Outcast: Ostracism, Social Exclusion, Rejection, and Bullying*, ed. K. Williams, J. P. Forgas, and W. v. Hippel (New York: Psychology Press, 2005), 109-127, 110.

<sup>27</sup> Ver, por exemplo, J. V. Jordan and L. M. Hartling, "New Developments in Relational-Cultural Theory," in *Rethinking Mental Health and Disorder*, ed. M. Ballou and L. Brown (New York: Guilford Press, 2002), 48-70; J. V. Jordan, M. Walker, and L. M. Hartling, *The Complexity of Connection* (New York: The Guilford Press, 2004), J. B. Miller and I. P. Stiver, *The Healing Connection: How Women Form Relationships in Therapy and in Life* (Boston: Beacon Press, 1997), and M. Walker and W. Rosen, *How Connections Heal: Stories From Relational-Cultural Therapy* (Wellesley, MA: Guilford Press, 2004).

<sup>28</sup> Ver, também, G. Wheeler, *Beyond Individualism: Toward a New Understanding of Self, Relationship & Experience* (Hillsdale, NJ: Analytic Press, 2000).

<sup>29</sup> Ver, por exemplo, D. Kahneman, *Daniel Kahneman: The Sveriges Riksbank Prize in Economic Sciences in Memory of Alfred Nobel 2002* (Stockholm: The Nobel Foundation, lido em January 7, 2007, from nobelprize.org/nobel\_prizes/economics/laureates/2002/kahneman-autobio.html, 2002), M. E. P. Seligman, *Authentic Happiness: Using the New Positive Psychology to Realize Your Potential for Lasting Fulfillment* (New York: Free Press, 2002), or N. Schwarz, D. Kahneman, and E. Diener, eds., *Well-Being: The Foundations of Hedonic Psychology* (New York: Russell Sage Foundation, 1999).

<sup>30</sup> D. T. Gilbert, *Stumbling on Happiness* (New York: Knopf, 2006).

no em um universo extremamente complexo, ao invés de Hitlers que maximizam em última análise uma arrogância insustentável, e que buscam manter a supremacia através da dominação humilhante.

Morton Deutsch está convencido de que a emoções é parte de uma tríade que deve receber atenção igual a que é dada à cognição e a motivação<sup>31</sup>:

Ele [o modo de pensar lewiniano] enfatizou a importância da teoria; o valor de experimentação para esclarecer e testar idéias; a interrelação entre a pessoa e o ambiente; a interdependência das estruturas cognitivas e motivação; a importância de compreender o indivíduo em seu (grupo, cultura) contexto social; a utilidade da teoria para a prática social; e o valor de tentar alterar a realidade para o desenvolvimento da teoria. Estas ênfases não são exclusivas à maneira de pensar lewiniana, pois elas caracterizam a boa ciência social e a boa prática social. Mas Lewin foi quem as apresentou a psicologia social<sup>32</sup>.

### Como a história da pesquisa em emoções evoluiu

O filósofo francês Blaise Pascal (1623-1662) acreditava que "o coração tem razões que a razão não compreende"<sup>33</sup>. David Hume (1711-1776) desenvolveu uma teoria moral construída em sua crença de que a razão sozinha não pode gerar ação. Os desejos ou sentimentos são necessários para provocar a ação. Por isso, ele ensinou que a moralidade está enraizada em nossos sentimentos. "A razão é, e deve ser apenas, a escrava das paixões, e nunca pode pretender qualquer outro cargo do que a de servir e obedecer as paixões"<sup>34</sup>.

Médicos, filósofos, poetas e sacerdotes, de Lao-Zi a René Descartes e William Shakespeare eram mestres da paixão, no entanto, eles não observaram e definiram a emoções de modo sistemático. Isso foi feito apenas tardiamente, no século XIX, por Guillaume Benjamin Duchenne de Boulogne, Charles Darwin, William James e Walter B. Cannon, para citar alguns<sup>35</sup>.

Um século atrás, ou um pouco mais, um dos pais da psicologia, William James (1842-1910), apresentou da seguinte forma as emoções: "Tudo o que sabemos é que existem sentimentos mortos, idéias e crenças mortas, frias, e quentes, e vivas; e, quando crescem quentes e vivas dentro de nós, tudo tem que se recristalizar em sua volta"<sup>36</sup> John Dewey (1859-1952) desenvolveu uma teoria das emoções, onde ele postulou que *self*, objeto, mente e ações corporais se misturam em um fluxo de ação e interação e que as emoções interrompem este fluxo suave quando duas tendências reagem e se colocam em tensão ou conflito uma com as outra. Ele coloca a experiência emocional no cerne do comportamento racional. Para Dewey, a emoções é o produto da racionalidade, e não sua antítese<sup>37</sup>.

Mais recentemente, outros pensadores, entre eles Antonio R. Damásio, Gerald M. Edelman, e Robert B. Zajonc<sup>38</sup>, começaram a enfatizar que as emoções são fundamentais para o *self*. Não é

<sup>31</sup> M. Deutsch, "A Personal Perspective on the Development of Social Psychology in the Twentieth Century," in *Reflections on 100 Years of Experimental Social Psychology*, ed. A. Rodriguez and R. V. Levine (New York: Basic Books, 1999), 1-34, 23.

<sup>32</sup> *Ibid.*, 10. Ver, também, E. Frydenberg, *Morton Deutsch: A Life and Legacy of Mediation and Conflict Resolution* (Brisbane: Australian Academic Press, 2005).

<sup>33</sup> B. Pascal, *Pensées* (Harmondsworth: Penguin Books, original work published in 1643, 1966), 113.

<sup>34</sup> D. Hume, "A Treatise of Human Nature, Book 2: Of the Passions, Part 3: Of the Will and Direct Passions," in *The Complete Works and Correspondence of David Hume*, (Charlottesville: IntelLex, 1996), section 3, paragraph 4/10, 414.

<sup>35</sup> G. A. Bonanno and T. J. Mayne, "Preface," in *Emotions: Current Issues and Future Directions*, ed. T. J. Mayne and G. A. Bonanno (New York: Guilford Press, 2001), xvii-xx, xix.

<sup>36</sup> W. James, *Selected Writing (The Varieties of Religious Experience)* (New York: BookoftheMonth Club, 1997), 219.

<sup>37</sup> Como desenvolvido por Lloyd Gordon Ward in "Editor's Notes" at [spartan.ac.brocku.ca/~lward/Dewey/Dewey\\_1895.html](http://spartan.ac.brocku.ca/~lward/Dewey/Dewey_1895.html). See J. Dewey, "The Theory of Emotion (I) Emotional Attitudes," *Psychological Review*, 1 (1894): 553-569, J. Dewey, "The Theory of Emotion (II) The Significance of Emotions," *Psychological Review*, 2 (1895): 13-32.

<sup>38</sup> A. R. Damasio, "The Feeling of What Happens: Body and Emotion in the Making of Consciousness," (New York: Harcourt Brace, 1999), ,G. M. Edelman, "Memory and the Individual Soul: Against Silly Reductionism," in *Nature's Imagination: The Frontiers of Scientific Vision*, ed. J. Cornwell (Oxford: Oxford University Press, 1995), 200-206, and R. B. Zajonc, "Feeling and Thinking: Preferences Need No Inferences," *American Psychologist*, 35 (1980): 151-175.

apenas a ampliação da consciência que sustenta o *self*, mas emoções e sentimento<sup>39</sup>. William James falou de uma dualidade entre executar-observar<sup>40</sup>. De acordo com Damásio, há uma dualidade no centro do fenomenal *self*: podemos realizar uma tarefa e ao mesmo tempo estar ciente de que a estamos realizando<sup>41</sup>. Arthur Deikman chama o componente da psique que está consciente de nossas ações de "auto-observação"<sup>42</sup>. Jean Piaget postulou a cognição e o afeto nesta dualidade<sup>43</sup>. "Há ação secundária, a reação do agente em relação a sua própria ação. Essa reação tem a forma de sentimento ou afeto (emoções), e regula a ação principal, atribuindo significado e validade à tarefa e, posteriormente, priorizando os objetivos pessoais"<sup>44</sup>.

Em suma, mesmo que houvesse interesse precoce com relação as emoções no interior do campo da psicologia, elas foram empurradas para o fundo, primeiro pelo pensamento psicanalítico, e, em seguida, pelo behaviorismo e depois pela teoria cognitiva. Nos anos de 1960 e 1970, apenas alguns estudiosos trabalharam na ciência dos afetos, entre eles S. Silvan Tomkins, Magda B. Arnold, Paul Ekman, E. Carroll Izard, Klaus Scherer, e Nico H. Frijda<sup>45</sup>.

Os leitores que desejam se aprofundar no campo das emoções podem se beneficiar da breve lista abaixo que pontua alguns dos debates, passados e recentes, que tem dominado a pesquisa sobre emoções:

- Sentimento e teorias fisiológicas;
- Neurociência social;
- Teorias cognitivas;
- Afeto / cognição;
- A questão das emoções "básicas";
- A evolução das emoções;
- Emoções e do cérebro;
- Emoções e o surgimento de um self individualizado;
- A construção social das emoções;
- Emoções e cultura;
- Controle e emoções;
- Moralidade e emoções;
- Racionalidade e emoções;
- Humor, temperamento e traços de caráter;
- Emoções e da sociedade;
- Emoções e igualdade;
- Emoções e economia;
- Psicologia positiva.

### O que são emoções?

O que são emoções? As emoções são culturais ou biológicas, ou ambas? Elas sejam alguma coisa a mais que construções do conhecimento popular? Ou são apenas respostas corporais, nada mais que hormônios, os níveis de condutância da pele, e os fluxos sanguíneos cerebrais? Existem emoções básicas? Afetos? Sentimentos? Pensamentos? Por que os temos? A que e quais as funções que

<sup>39</sup> D. Y. Dai and R. J. Sternberg, "Beyond Cognitivism: Toward an Integrated Understanding of Intellectual Functioning and Development," in *Motivation, Emotion, and Cognition: Integrative Perspectives on Intellectual Functioning and Development*, ed. D. Y. Dai and R. J. Sternberg (Mahwah, NJ: Erlbaum, 2004), 3-40, 14.

<sup>40</sup> W. James, *The Principles of Psychology (Vol. 1)* (New York: Dover, 1950).

<sup>41</sup> A. R. Damasio, "The Feeling of What Happens: Body and Emotion in the Making of Consciousness," (New York: Harcourt Brace, 1999), A. R. Damasio, "A Neurobiology for Consciousness," in *Neural Correlates of Consciousness*, ed. T. Metzinger (Cambridge, MA: MIT Press, 2000), 111-120.

<sup>42</sup> A. J. Deikman, *The Observing Self: Mysticism and Psychotherapy* (Boston: Beacon Press, 1982).

<sup>43</sup> J. Piaget, *Intelligence and Affectivity: Their Relationship During Child Development* (Palo Alto, CA: Annual Reviews, 1981), J. Piaget, *The Origins of Intelligence in Children* (New York: International University Press, 1950).

<sup>44</sup> D. Y. Dai, "Putting It All Together: Some Concluding Thoughts," in *Motivation, Emotion, and Cognition: Integrative Perspectives on Intellectual Functioning and Development*, ed. D. Y. Dai and R. J. Sternberg (Mahwah, NJ: Erlbaum, 2004), 419-432, 421.

<sup>45</sup> G. A. Bonanno and T. J. Mayne, "Preface," in *Emotions: Current Issues and Future Directions*, ed. T. J. Mayne and G. A. Bonanno (New York: Guilford Press, 2001), xvii-xx, xvii.

servem? Que são emoções sociais? Existem emoções universais e transversais a todas as culturas? Os animais não humanos têm emoções? Quais são as relações entre emoções, humores e temperamento? As emoções são racionais? Controláveis? Para que ações as emoções conduzem? Existe uma ligação automática entre as emoções e a ação?

A citação de Brian Parkinson ilustra a luta que caracteriza a essência da pesquisa em emoções:

"Infelizmente, o fato de que os psicólogos têm discordado sobre qual emoções são básicas, sobre se existem emoções básicas, ou mesmo sobre se as emoções básicas são as emoções em seu todo, tende a prejudicar a credibilidade da opinião de que certos estados são basicamente, irreduzível e inescapavelmente emocionais"<sup>46</sup>.

Em *Um Enquadramento para a História das Emoções [A Framework for the History of Emotions]*, William M. Ribeiro escreve que "apesar dos muitos resultados positivos que essa nova linha de pesquisa gerou, a revolução por ela causada tem feito pouca para esclarecer a questão polêmica sobre o que, exatamente, são as emoções. Desacordos persistem e incertezas não faltam"<sup>47</sup>. "Nós não concordamos, como disciplina, sobre a natureza do que estamos estudando"<sup>48</sup>.

Jon Elster, também, é cético em relação às perspectivas de uma teoria unificada sobre as emoções. Ele descreve como as emoções muitas vezes transmutam em outra: Amor pode se tornar ciúme, inveja em raiva, raiva em remorso, de acordo como a situação se desenvolve<sup>49</sup>.

Jan Smedslund é também bastante cético. Ele intenta uma crítica psicológica profunda em relação à corrente principal da pesquisa em psicologia<sup>50</sup>. Smedslund adverte os cientistas sociais contra o árduo emergir científico através de interpretações errôneas, "cientificamente observando" métodos para auscultar ciência em lugares onde as regras fundamentais são flagrantemente aparentes. Ele escreve: "A constatação de que todos os celibatários são de fato homens solteiros não pode ser afirmada como empírica". Smedslund adverte que um grande volume de pesquisa em psicologia é inútil, como o de se tentar elaborar enquetes para se descobrir "se celibatários são na realidade todos os homens"<sup>51</sup>. Isto, Smedslund estatui, é um desperdício imperdoável de tempo e recursos e, além disso, cria uma confusão básica no "estatuto ontológico" do objeto de pesquisa em psicologia<sup>52</sup>. Ele argumenta que "mesmo que palavras comuns possam ter significados muito variáveis, elas também possuem um núcleo estável de significação, e muitas palavras parcialmente sobrepostas também podem se referir a um mesmo núcleo de significado. Em resumo, pode ser possível explicar um arcabouço de sistema de conceitos importantes subjacentes à complexa aparência de uma linguagem comum"<sup>53</sup>.

Thomas J. Scheff adverte que, enquanto conceitos claramente definidos estão faltando na pesquisa sobre as emoções, a coleta de dados se assemelha a uma pseudoinvestigação. Ele usa a astronomia como uma ilustração e sugere que, enquanto não foi compreendido que o Sol, - e não a Terra, - é o centro do nosso sistema, foi impossível determinar a posição dos planetas. Da mesma forma, de acordo com Scheff, a pesquisa mais recente sobre as emoções se encontra frustrada e incompleta por falta de definições claras sobre o que são emoções. Os cientistas são vitimados pelas suposições construídas por suas próprias culturas, e apenas tateiam no escuro e reiteram o seu *status quo* cultural social, ao invés de elaborarem uma nova e substantiva pesquisa<sup>54</sup>.

<sup>46</sup> B. Parkinson, *Ideas and Realities of Emotions* (London: Routledge, 1995), 12.

<sup>47</sup> W. M. Reddy, "The Navigation of Feeling: A Framework for the History of Emotions," (Port Chester, NY: Cambridge University Press, 2001), ix.

<sup>48</sup> L. Feldman Barrett, "The Future of Emotion Research," *Affect Scientist*, 12 (1998): 6-8, 6.

<sup>49</sup> J. Elster, *Strong Feelings: Emotion, Addiction, and Human Behavior* (Cambridge, MA: MIT Press, 1999), J. Elster, *Alchemies of the Mind: Rationality and the Emotions* (Cambridge: Cambridge University Press, 2003), J. Elster, "Emotion and Action," in *Thinking About Feeling: Contemporary Philosophers on Emotions*, ed. R. Solomon (New York: Oxford University Press, 2003).

<sup>50</sup> J. Smedslund, *Psycho-Logic* (Berlin: Springer, 1988), J. Smedslund, *The Structure of Psychological Common Sense* (Mahwah, NJ: Erlbaum, 1997), and J. Smedslund, "Social Representations and Psychologic," *Culture & Psychology*, 4, no. 4 (1998): 435-454, J. Smedslund, *Dialogues About a New Psychology* (Chagrin Falls, OH: Taos Institute, 2004).

<sup>51</sup> J. Smedslund, *Psycho-Logic* (Berlin: Springer, 1988), 4.

<sup>52</sup> *Ibid.*, 4, emphasis in original.

<sup>53</sup> *Ibid.*, 5.

<sup>54</sup> T. J. Scheff, *Strategies for the Social Science of Emotion* (St. Barbara, CA: www.soc.ucsb.edu/faculty/scheff/31.html, 2004), T. J. Scheff, *Toward a Web of Concepts: The Case of Emotions and Affects* (St. Barbara, CA: www.soc.ucsb.edu/faculty/scheff/41.html, 2004).

Não apenas as discussões sobre as emoções, no nível individual, são controversas e indecisas, mas, também, às relacionadas as emoções sociais e coletivas, no nível macro: “O nosso discurso sobre a política mundial está repleta de “irritações” e afirmações “terríveis e temerosas”, de sociedades “traumatizadas” e “ressentidas”, e assim por diante”<sup>55</sup>. Alexander Wendt pergunta como podemos dar sentido a tais discursos? “Ele responde explicando que os estudos sobre as emoções coletivas no campo das relações internacionais são quase completamente inexistentes; o falar sobre emoções é visto como um “*como se*” de ficção, uma abordagem que desencoraja uma sondagem mais aprofundada”. Wendt propõe a se empurrar o máximo possível o argumento do quanto mais “para a conclusão de que o coletivo [o social] possui uma espécie de consciência”<sup>56</sup>.

Paul Saurette concorda.

Apesar da crescente conscientização sobre a importância das emoções para a política mundial, a disciplina de Relações Internacionais ainda está trabalhando no sentido de teorias adequadas e investigações sobre o seu papel. Isto é particularmente visível no fato de que houve até agora poucos exames acadêmicos dos efeitos das várias emoções na forma e na orientação da reação de política externa dos EUA em relação ao 11 de setembro<sup>57</sup>.

Robert Jervis adiciona: “As crenças são centrais para a psicologia política, mas, em muitos aspectos, permanecem subteorizadas”<sup>58</sup>. Jervis ressalta como “ao longo da última década, psicólogos e psicólogos políticos passaram a ver (e a “acreditar”?) que uma nítida separação entre cognição e afeto não existe e que a pessoa que encarna a racionalidade pura, intocada pelas emoções, seria um monstro, se não fosse uma impossibilidade”<sup>59</sup>. No entanto, diz Jervis, o problema é que as crenças possuem duas funções, 1) a compreensão do mundo e o teste de realidade, e 2) as funções sociais e psicológicas de encontrar as necessidades psicológicas e sociais para viver consigo mesmo e com os outros<sup>60</sup>. Quando queremos entender “por que as pessoas acreditam no que fazem, e se essas crenças são justificadas pelas evidências disponíveis, e se elas estão corretas”<sup>61</sup>, é preciso diferenciar essas etapas, em vez de fundi-las. (Para ligar com a nossa discussão anterior sobre as noções de honra, a crença em normas de honra, por exemplo, pode ser funcional para “satisfazer as necessidades psicológicas e sociais de viver consigo mesmo e com os outros”, no entanto, é desastrosa do ponto de vista de um “teste de realidade”).

Ao usar exemplos da I Guerra Mundial, do envolvimento do Japão na II Guerra Mundial, e da guerra do Iraque em 2003, Jervis ilustra como a falta de clareza e de consciência, que normalmente obscurece as nossas crenças e emoções, podem levar a equívocos catastróficos. Segue aqui mais um de seus exemplos, o Vietnã:

Nixon e Kissinger disseram a si mesmos, um ao outro e aos sul-vietnamitas, que a ameaça - que descaradamente quebraria o acordo de paz e iria suscitar uma resposta militar americana, - era crível o suficiente para impedir as graves violações do Vietnã do Norte e que poderiam levá-lo para fora se não acontecesse. Embora seja impossível ter certeza se eles acreditavam no que estavam dizendo: o meu palpite é que o que eles estavam expressando era algo entre uma esperança e uma expectativa. Eles acreditavam que, em parte, ou se crer em alguns dias, mas não em outros, ou se julga com alguma probabilidade, menos, porém, do que convicção<sup>62</sup>.

<sup>55</sup> A. Wendt, *Social Theory As Cartesian Science: An Auto-Critique From a Quantum Perspective* (Columbus, OH: www.humiliationstudies.org/documents/WendtAutoCritique.pdf, 2004), 37, ver, também o texto em preparação de S. Guzzini and A. Leander, *Constructivism and International Relations: Alexander Wendt and His Critics* (New York: Routledge, 2006).

<sup>56</sup> *Ibid.*, 37.

<sup>57</sup> P. Saurette, “You Dissin Me? Humiliation and Post 9/11 Global Politics,” *Review of International Studies*, 32 (2006): 495-522, Abstract.

<sup>58</sup> R. Jervis, “Understanding Beliefs,” *Political Psychology*, 27, no. 5 (2006): 641-663, 641, Abstract.

<sup>59</sup> Jervis recomenda como bons sumários: R. McDermott, “The Feeling of Rationality: The Meaning of Neuroscientific Advances for Political Science,” *Perspectives on Politics*, 2 (2004): 691-706; G. E. Marcus, “The Psychology of Emotion and Politics,” in *Oxford Handbook of Political Psychology*, ed. D. O. Seares, L. Huddy, and R. Jervis (New York: Oxford University Press, 2003), 182-221, and R. B. Zajonc, “Emotions,” in *The Handbook of Social Psychology*, Vol 1, ed. D. T. Gilbert, S. T. Fiske, and G. Lindzey (Boston: McGraw-Hill, 1998), 591-632.

<sup>60</sup> Jervis sugere se descer cinquenta anos atrás e revisitar a tipologia introduzida por M. B. Smith, J. S. Bruner, and R. W. White, *Opinions and Personality* (New York: Wiley, 1956).

<sup>61</sup> R. Jervis, “Understanding Beliefs,” *Political Psychology*, 27, no. 5 (2006): 641-663, 643.

<sup>62</sup> *Ibid.*, 644.

Somos tentados a concluir que a especulação e incerteza, - ou pior, a feliz ignorância - reina nos próprios fundamentos de grandes áreas das ciências sociais. Somos obrigados a reconhecer que não só a consciência e o significado, mas também a nossa compreensão das emoções estão profundamente afetadas por essas incertezas ontológicas.

Voltemo-nos agora para a mais brilhante exibição que já foi até agora evocado. Keltner e Haidt sugerem que existe uma convergência considerável emergindo no campo da pesquisa sobre emoções e que os resultados recentes têm levado o campo para novos níveis e fornecido novas sinergias. Os autores argumentam que, por exemplo, os teóricos evolucionistas e construtivistas sociais são considerados agora como "certos" em seus pontos de vista:

“Emoções primordiais são biologicamente baseadas, são sistemas coordenados de resposta universais que evoluíram para permitir que os seres humanos enfrentem os problemas de sobrevivência física, reprodução e governança grupal. O processo criativo da cultura, no entanto, afrouxa a ligação entre as emoções primordiais e suas funções, encontrando novas soluções para velhos problemas e novos usos para velhas emoções”<sup>63</sup>.

Há também a convergência entre as pesquisa em emoções e a neurociência. Os psicólogos cognitivos, tais como Pierre Philippot e Alexandre Schaefer documentam que o processamento emocional ocorre em vários níveis, de dois a cinco<sup>64</sup>. A neurociência espelha isso. Muitos, contudo, acreditam que uma teoria integrada da estrutura da neurociência e do funcionamento cognitivo das emoções surgirá em breve. "Não temos que discutir sobre se as emoções são discretas ou dimensionais, mas sob que circunstâncias elas se manifestam como um ou outro. A questão da natureza versus criação se torna pedante se programas automáticos no cérebro podem ser influenciados pela aprendizagem e pela cognição ativa”<sup>65</sup>.

Pode surpreender a muitos saber que é na física, o campo onde os fenômenos como a consciência se encontram particularmente e calorosamente discutidos. Alguns físicos consideram a consciência como nada menos do que "a força dominante que determina a natureza da existência”<sup>66</sup>. A razão para este surpreendente estado de coisas é que a mecânica quântica mina o paradigma científico clássico de que há uma realidade objetiva "lá fora" independente da consciência "aqui dentro". O fato de que a mecânica quântica pode realmente representar um grande desafio para as noções contemporâneas de espaço, tempo, realidade e da natureza da mente humana se encontra cada vez mais em discussão<sup>67</sup>.

Deixe-me brevemente aprofundar este ponto. Metafísica é o ramo da filosofia que reflete sobre "o estudo do ser" (em grego *ontology*<sup>68</sup>). Foi o *dualismo* a orientação metafísica ocidental dominante que sustentou os séculos passados. O dualismo sustenta que, em última análise, há dois tipos de substância. A visão dualista de Descartes de uma dicotomia mente-corpo talvez seja a expressão mais conhecida do dualismo<sup>69</sup>. O dualismo deve ser distinguido do *pluralismo*, que afirma que, em última, análise, há muitos tipos de substâncias. O dualismo também deve ser diferenciado do *monismo*, que é a visão metafísica e teológica de que tudo é um, ou o mental (idealismo) ou o físico (materialismo e fisicalismo). O fisicalismo é a orientação ontológica da maioria dos cientistas modernos; é, portanto, um conceito monista, que assegura que não existem outros tipos de coisas além das coisas físicas. O dualismo deve ainda ser diferenciado de uma orientação que muitos acham difícil de entender, a do *não dualismo*, ou "não-um, não-dois"<sup>70</sup>.

<sup>63</sup> D. Keltner and J. Haidt, "Social Functions of Emotions," in *Emotions: Current Issues and Future Directions*, ed. T. J. Mayne and G. A. Bonanno (New York: Guilford Press, 2001), 192-213, 204.

<sup>64</sup> P. Philippot and A. Schaefer, "Emotion and Memory," in *Emotions: Current Issues and Future Directions*, ed. T. J. Mayne and G. A. Bonanno (New York: Guilford Press, 2001), 82-121.

<sup>65</sup> K. N. Ochsner and L. Feldman Barrett, "A Multiprocess Perspective on the Neuroscience of Emotion," in *Emotions: Current Issues and Future Directions*, ed. T. J. Mayne and G. A. Bonanno (New York: Guilford Press, 2001), 38-81, 407-408.

<sup>66</sup> M. Kaku, *Parallel Worlds: A Journey Through Creation, Higher Dimensions, and the Future of the Cosmos* (New York: Doubleday, 2005), p. 349.

<sup>67</sup> Ver, por exemplo, Elizabeth Lloyd E. L. Mayer, *Extraordinary Knowing: Science, Skepticism, and the Inexplicable Powers of the Human Mind* (New York: Bantam Books, 2007).

<sup>68</sup> Ver, por exemplo, M. J. Loux, *Metaphysics: a Contemporary Introduction*. 3ª ed. (London: Routledge, 2006).

<sup>69</sup> Ver, por exemplo, também, o termo *oposição binária*, que tem suas origens na teoria estruturalista saussuriana.

<sup>70</sup> Ver, por exemplo, também, o termo *oposição binária*, que tem suas origens na teoria estruturalista saussuriana.

<sup>70</sup> A lógica budista não-dualista de "soku" ou "não-um, não-dois", tem sido utilizada por Muneo Yoshikawa para desenvolver um conceito de diálogo.

Muitos concordam hoje que o dualismo do pensamento ocidental criou sérios problemas para o indivíduo e para a sociedade<sup>71</sup>. O dualismo-maniqueísmo-Armagedon (a síndrome DMA) é denunciado pelo pesquisador da paz Johan Galtung como o ponto central do conflito para a guerra<sup>72</sup>. Criando e disparando o maniqueísmo dualista eu/outro e bem/mal em pessoas, as prepara para a violência, e as convence de que as guerras valem ser lutadas<sup>73</sup>. As formas recentes de ecopsicologia e de ecologia transpessoal esperam que a divisão dualista entre planeta e *self* deve ser curada<sup>74</sup>. Também os economistas e sociólogos tornaram-se cautelosos com o dualismo, criticando-o por exagerar divisões conceituais e promover uma simplista e redutora perspectiva; a noção de dualidade tem sido sugerida como uma alternativa para dualismo<sup>75</sup>. Realistas críticos, como Tony Lawson, diagnosticam o mundo, que os economistas da corrente dominante estudam, como defasado em relação a ontologia fundamental das regularidades econômicas<sup>76</sup>. Não menos importante, a crítica do dualismo de oposições binárias (um termo cunhado por Ferdinand de Saussure) é uma parte importante do pós-feminismo, do pós-colonialismo, da teoria racial pós-anarquismo, e crítica<sup>77</sup>.

Os cientistas contemporâneos normalmente são fisicalistas. No entanto, desde que o fisicalismo não detém todas as respostas, pelo menos não fisicalismo formado pela física newtoniana, o *quantum* das ciências sociais está sendo proposto: "Os seres humanos estão efetivamente *'andando sobre partículas de ondas duais'*, e não sobre objetos materiais clássicos" <sup>78</sup>.

Anton Zeilinger, físico de renome da Universidade de Viena e diretor da filial de Viena, do Instituto de Ótica Quântica e Informação Quântica (IQOQI), explica em uma entrevista<sup>79</sup>:

"Eu acredito que a física quântica nos diz algo muito profundo sobre o mundo. E que o mundo não está como está independentemente de nós. Que as características do mundo dependem, até certo ponto, de nós. [Eu vejo duas liberdades]: a primeira como a liberdade do pesquisador na escolha do equipamento de medição, que depende do seu livre arbítrio; e, em seguida, a liberdade da natureza de dar ao pesquisador a resposta que quiser. Uma liberdade condiciona a outra, por assim dizer. Esta é uma excelente propriedade. É uma pena que os filósofos não gastem mais tempo pensando sobre ela" <sup>80</sup>.

Imants Barušs é um psicólogo que trabalha com consciência quântica, com os estados alterados da consciência, com a autotransformação, com modelos matemáticos de consciência, e a crença sobre consciência e realidade. Ele sugere que o problema dos materialistas é ignorarem o fato de que o materialismo não pode explicar a matéria, muito menos os fenômenos anômalos ou as expe-

<sup>71</sup> G. Bateson, *Steps to an Ecology of Mind* (Scranton, PA: Chandler, 1972).

<sup>72</sup> J. Galtung, C. G. Jacobsen, K. F. Brand-Jacobsen, e F. Tschudi, *Searching for Peace: The Road to TRANSCEND* (London: Pluto Press in association with TRANSCEND, 2000).

<sup>73</sup> L. LeShan, *The Psychology of War: Comprehending Its Mystique and Its Madness* (Chicago: Noble Press, 1992).

<sup>74</sup> Ver, por exemplo, D. D. N. Winter, *Ecological Psychology: Healing the Split Between Planet and Self* (New York: HarperCollins, 1996).

<sup>75</sup> "Uma possível alternativa ao dualismo é a noção de dualidade, derivado da teoria da estruturação de Giddens, em que os dois elementos são interdependentes e não mais separado ou oposição, embora permaneçam conceitualmente distintos." W.A. Jackson, "o dualismo, a dualidade e a complexidade das instituições econômicas". *International Journal of Social Economics*, 26, no. 4 (1999): 545-558, lido em March 26, 2008, from [www.emeraldinsight.com/Insight/ViewContentServlet?Filename=Published/EmeraldFullTextArticle/Pdf/0060260406.pdf](http://www.emeraldinsight.com/Insight/ViewContentServlet?Filename=Published/EmeraldFullTextArticle/Pdf/0060260406.pdf), 545; A. Giddens, *The Constitution of Society: Outline of the Theory of Structuration* (Berkeley, CA: University of California Press, 1984).

<sup>76</sup> T. Lawson, *Economics and Reality* (London: Routledge, 1997): p. 22.

<sup>77</sup> Jacques Derrida argumenta que as oposições binárias que criam hierarquias abusivas devem ser desconstruídas - ver J. Derrida, "Of Grammatology," (Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press (tradução da edição original francesa *De la grammatologie* first published in 1967), 1976).

<sup>78</sup> A. Wendt, *Social Theory As Cartesian Science: An Auto-Critique From a Quantum Perspective* (Columbus, OH: [www.humiliationstudies.org/documents/WendtAutoCritique.pdf](http://www.humiliationstudies.org/documents/WendtAutoCritique.pdf), 2004), 7, an early text in preparation for S. Guzzini and A. Leander, *Constructivism and International Relations: Alexander Wendt and His Critics* (New York: Routledge, 2006).

<sup>79</sup> A. Zeilinger, M. Plüss, and R. Hügli, *Spooky Action and Beyond: Viennese Physicist Anton Zeilinger Talks About Teleportation, the Information Stored in a Human Being and Freedom in Physics*. (Berlin: Perlenmacher Medien, [signandsight.com](http://signandsight.com), lido em 16th April 2008 from [www.signandsight.com/features/614.html](http://www.signandsight.com/features/614.html), 2006).

<sup>80</sup> Ibid.

riências subjetivas. O materialismo, ele afirma, permanece enraizado na academia em grande parte por razões políticos<sup>81</sup>.

Neste momento, observamos o fascínio crescente das chamadas abordagens não dualistas<sup>82</sup>. Para os não dualistas, a realidade não é nem física nem mental, em última análise, mas sim um estado avassalador ou de realização extraordinária. Há muitas variações sobre este ponto de vista, com a essência do não dualismo afirmando que os diferentes fenômenos, apesar de sua especificidade, são inseparáveis, e que não existe uma demarcação dura entre eles. Encontramos essa abordagem em tradições místicas de muitas religiões, principalmente nas tradições originárias da Ásia. Ken Wilber descreve a história da filosofia em geral, especialmente no Ocidente, como uma contínua oscilação entre os dois polos da verdade, seja sujeito-objeto, mente-corpo, cultura-natureza, ou grupo-indivíduo. Enquanto o Ocidente tende a conceituar essas dualidades como opostos, separados sólidos, o Oriente os vê como um *continuum*, surgindo simultaneamente e mutuamente como uma linha côncava / convexa<sup>83</sup>.

O não dualismo pode ser teísta ou não-teísta. Para as noções não-teístas, se consideram, entre outros, "A Totalidade"<sup>84</sup>, ou "O Absoluto"<sup>85</sup>, ou, simplesmente, "não dual"<sup>86</sup>. Encontramos pensamentos semelhantes em vários ramos da psicologia e da psicoterapia, enter estes, vem a mente, o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961)<sup>87</sup> ou a Gestalt Therapy<sup>88</sup>. A psicologia transpessoal pode ser mencionada, bem como, Erich Fromm (1900-1980) e o seu foco no "ser" em oposição ao "ter"<sup>89</sup>. A noção de uma "observação do *self*"<sup>90</sup> está relacionada à abordagem não dual.

As ciências sociais quânticas estão sendo propostas por alguns para resolver o problema mente-corpo. "Sabemos que temos a experiência, isto é, a nossa própria experiência, mas não há nenhuma maneira aparente de conciliar este fato com a ciência moderna. Por certo, parece que a consciência não deveria existir, e, como tal, não deveria ter significado, o que pressupõe a consciência"<sup>91</sup>. Wendt sugere que a conexão quântica, justificando a "epistemologia participativa" na investigação social, daria uma força adicional às críticas da distinção entre sujeito-objeto, como as realizadas pelos pós-modernistas ou pelas teorias feministas<sup>92</sup>.

Termino esta seção com duas recomendações sobre como conduzir as indagações até agora realizadas. O realismo crítico está sendo recomendado por Howard Richards, estudioso da paz e dos estudos globais, como a abordagem mais adequada da filosofia da percepção. O realismo crítico traz o iluminismo e o pós-modernismo juntos<sup>93</sup>. Os realistas críticos reconhecem os méritos do Iluminismo para perceberem que nem tudo é um texto de autorreferência, enquanto o pós-

<sup>81</sup>I. Barušs, "Can We Consider Matter As Ultimate Reality? Some Fundamental Problems With a Materialist Interpretation of Reality," *Ultimate Reality and Meaning: Interdisciplinary Studies in the Philosophy of Understanding*, 16, no. 3-4 (1993): 245-254, I. Barušs, "The Art of Science: Science of the Future in Light of Alterations of Consciousness," *Journal of Scientific Exploration*, 15, no. 1 (2001): 57-68.

<sup>82</sup>J. Katz, ed., *One: Essential Writings on Nonduality* (Boulder, CO: Sentient, 2007).

<sup>83</sup>K. Wilber, *No Boundary* (Boston: Shambhala, 1979), 25.

<sup>84</sup>Plotinus, circa 205–270 BC, filósofo do mundo antigo, nascido no Egito, e ensinando, mais tarde, em Roma — ver Plotinus, S. MacKenna, e B. S. Page, *The Enneads* 2ª ed. (London: Faber and Faber, 1956).

<sup>85</sup>Filósofo alemão Schelling, (1775-1854) foi influenciado por Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), ver F. W. J. v. Schelling, *System des transcendentalen Idealismus* (Tübingen: Cotta, 1800); F. W. J. v. Schelling, *System of Transcendental Idealism* New 1993 ed. (Charlottesville: University Press of Virginia, 1978).

<sup>86</sup>Filósofo britânico Francis Herbert Bradley (1846-1924)—F. H. Bradley, *Appearance and Reality: A Metaphysical Essay* (New York: Macmillan, 1893).

<sup>87</sup>B. Wittine, "Jungian Analysis and Nondual Wisdom," in *Sacred Mirror: Nondual Wisdom & Psychotherapy*, ed. J. J. Prendergast, P. Fenner, and S. Krystal (New York: Paragon House, 2003), 268-289.

<sup>88</sup>D. A. Leupnitz and S. Tulkin, "The Cybernetic Epistemology of Gestalt Therapy," *Psychotherapy: Theory, Research & Practice*, 17, no. 2 (1980): 153-157, lido em March 27, 2008 from [psycnet.apa.org/index.cfm?fa=main.showContent&id=1980-30800-001&view=fulltext&format=pdf](http://psycnet.apa.org/index.cfm?fa=main.showContent&id=1980-30800-001&view=fulltext&format=pdf).

<sup>89</sup>E. Fromm, *To Have or to Be?* (New York: Harper and Row, 1976).

<sup>90</sup>A. J. Deikman, *The Observing Self: Mysticism and Psychotherapy* (Boston: Beacon Press, 1982).

<sup>91</sup>A. Wendt, *Social Theory As Cartesian Science: An Auto-Critique From a Quantum Perspective* (Columbus, OH: [www.humiliationstudies.org/documents/WendtAutoCritique.pdf](http://www.humiliationstudies.org/documents/WendtAutoCritique.pdf), 2004), 10, um texto anterior foi preparado para S. Guzzini and A. Leander, *Constructivism and International Relations: Alexander Wendt and His Critics* (New York: Routledge, 2006).

<sup>92</sup>Ibid., 7.

<sup>93</sup>H. Richards, *Foucault and the Future* (Richmond, IN: unpublished work in progress, 2007). Ver, por exemplo, Chapter 10, "More Philosophical Contributions to Building Non-Authoritarian Cultures of Solidarity." See for an overview over critical realism M. S. Archer, R. Bhaskar, A. Collier, T. Lawson, and A. Norrie, eds., *Critical Realism: Essential Readings Roy Bhaskar, Andrew Collier, Tony Lawson, and Alan Norrie* (London: Routledge, 1998).

modernismo ajuda a admitir que o Iluminismo não foi uma descoberta da verdade eterna, mas um momento na história da cultura.

Dagfinn Føllesdal<sup>94</sup> sugere, como uma orientação epistemológica adequada, o equilíbrio reflexivo, ou pensamento circular<sup>95</sup>, que esteve em voga nos anos 1950. Antes desse tempo, os pensadores preferiam construir os seus argumentos a partir do zero, colocando cada camada de lógica de forma firme sobre os fundamentos anteriores. Estes pensadores encontravam-se comprometidos, em outras palavras, com a construção de seus navios em terreno seguro. Eles não podiam imaginar poder "construir os seus navios no mar", como fazem, atualmente, os praticantes modernos do equilíbrio reflexivo. O equilíbrio reflexivo, portanto, pode ser descrito como um método simples de raciocínio que evita a arrogância de se tentar fazer o impossível ou que requer um impossível que seja possível, - uma abordagem apropriada para o desmantelamento das hierarquias de submissão / dominação que os direitos humanos defendem.

### As Emoções são “Básicas”?

A questão das emoções básicas suscitou um grande conflito. Em 1990, Andrew Ortony e Terence Turner perguntaram no título de um artigo "O que é básico sobre as emoções básicas", e concluíram que "muito pouco"<sup>96</sup>. Essa avaliação provocou uma aquecida e conflituosa discussão. Em 1992, a *Psychological Review* publicou quatro artigos de cinco estudiosos, nos quais Ortony e Turner foram fortemente criticados e tentaram se defender (*Psychological Review*, v. 99, n. 396)<sup>97</sup>.

Todos os autores concordam que certas condições biológicas são necessárias para que um indivíduo seja capaz de sentir emoções. No entanto, as definições de diferentes "emoções básicas" diferiam amplamente. Jaak Panksepp criticou Ortony e Turner dizendo que "a tese principal demarcada pelos dois estava viciada, por sua incapacidade de considerar os dados neurocomportamentais disponíveis"<sup>98</sup>. Paul Ekman afirmou que "a evidência sobre os universais na expressão e na fisiologia sugere, fortemente, que há uma base biológica para as emoções estudadas. Os comentários de Ortony e Turner sobre esta literatura são defeituosos, e suas explicações teóricas alternativas não cabem às provas"<sup>99</sup>. E. Carroll Izard pontuou que "emoções particulares são chamadas básicas, porque se assumem que elas teriam substratos neurais inatos, possuíam expressões inatas e universais e um único estado de sentimento-motivacional"<sup>100</sup>.

Ortony e Turner responderam que, de acordo com seu ponto de vista, "a abordagem mais promissora para a compreensão da enorme diversidade entre emoções é pensar em termos de emoções como composta de conjuntos de componentes básicos, em vez de combinações de outras emoções básicas"<sup>101</sup>. Salientaram que não negam que as emoções sejam baseadas em sistemas biológicos "conectados", mas consideraram que "a existência de tais sistemas não significa que algumas emoções (tais como aquelas que aparecem nas listas de emoções básicas) possuem um estatuto especial"<sup>102</sup>.

Ortony e Turner sugeriram que a pergunta "O que são emoções básicas?", é uma questão equivocada. Trata-se, segundo eles, "como se nós perguntássemos: 'O que são pessoas básicas?' como

<sup>94</sup>Ver, por exemplo, D. Føllesdal, "Husserl on Evidence and Justification," in *Edmund Husserl and the Phenomenological Tradition: Essays in Phenomenology. Proceedings of a Lecture Series in the Fall of 1985*, in *Studies in Philosophy and the History of Philosophy*, ed. Robert Sokolowski (Washington, DC: Catholic University of America Press, 1988), 107-129, and D. Føllesdal, *Intersubjectivity and Ethics in Husserl's Phenomenology* (Oslo: Seminar organised by the Norwegian Ethics Programme at the Research Council of Norway, Oslo, February 19-24, 1996).

<sup>95</sup>D. Føllesdal, *How Can We Use Arguments in Ethics?* (Oslo: Presentation at Det Norske Vitenskaps-Akademi [Norwegian Academy of Science], January 30, 1996).

<sup>96</sup>A. Ortony and T. J. Turner, "What's Basic About Basic Emotions?," *Psychological Review*, 97 (1990): 315-331.

<sup>97</sup>C. E. Izard, "Basic Emotions, Relations Among Emotions, and Emotion-Cognition Relations," *Psychological Review*, 99, no. 3, July (1992): 561-565, P. Ekman, "Are There Basic Emotions?," *Psychological Review*, 99, no. 3, July (1992): 550-553, J. Panksepp, "A Critical Role for "Affective Neuroscience" in Resolving What Is Basic About Basic Emotions," *Psychological Review*, 99, no. 3, July (1992): 554-560, T. J. Turner and A. Ortony, "Basic Emotions: Can Conflicting Criteria Converge?," *Psychological Review*, 99, no. 3, July (1992): 566-571.

<sup>98</sup>J. Panksepp, "A Critical Role for "Affective Neuroscience" in Resolving What Is Basic About Basic Emotions," *Psychological Review*, 99, no. 3, July (1992): 554-560.

<sup>99</sup>P. Ekman, "Are There Basic Emotions?," *Psychological Review*, 99, no. 3, July (1992): 550-553.

<sup>100</sup>C. E. Izard, "Basic Emotions, Relations Among Emotions, and Emotion-Cognition Relations," *Psychological Review*, 99, no. 3, July (1992): 561-565.

<sup>101</sup>T. J. Turner and A. Ortony, "Basic Emotions: Can Conflicting Criteria Converge?," *Psychological Review*, 99, no. 3, July (1992): 566-571.

<sup>102</sup>Ibid.

buscando obter uma resposta que pudesse explicar a diversidade humana<sup>103</sup>. Eles insistiram que "acreditar no contrário é aderir a um fundamento e provavelmente a um dogma não substanciado – ar, terra, fogo, água e teoria da emoção"<sup>104</sup>. Ortony e Turner listam as diversas tentativas de categorizar as emoções. Independente da discussão sobre a validade da noção de emoções básicas, esta lista apresenta uma visão geral dos esforços para identificar as emoções fundamentais (ver Tabela 1.1).

Recentemente, estudiosos começaram a chamar a atenção para as diferenças culturais nas emoções. A linguista Anna Wierzbicka se pergunta por que o idioma polonês, por exemplo, não tem uma palavra para *desgosto*; e que se o polonês era a língua dos psicólogos que trabalham sobre as "emoções humanas fundamentais", ao invés de inglês<sup>105</sup>. Batja Mesquita<sup>106</sup> nos lembra de James A. Russell e de sua sugestão de que "é intrigante que a linguagem tenha falhado em não fornecer uma única palavra para uma importante categoria, saliente, discreta, e possivelmente inata da experiência, se esta existir"<sup>107</sup>.

Como já relatado anteriormente, Smedslund explica que os psicólogos muitas vezes não conseguem analisar as relações conceituais entre suas variáveis dependentes e independentes. Eles "*empiricamente*" testam hipóteses, esquecendo de que as variáveis conceitualmente relacionadas são obrigadas a serem relacionadas<sup>108</sup>. O sistema psicológico do Smedslund é um sistema axiomático com intenção de formular as relações conceituais psicologicamente relevantes embutidas na linguagem, e um instrumento para descrever, explicar, prever e controle intrapessoal e processos interpessoais. Smedslund<sup>109</sup> recomenda as doze "leis empíricas das emoções" de H. Nico Frijda, formuladas em 1988<sup>110</sup>. Em 2006, em *As Leis das emoções*, Frijda expandiu a sua teoria anterior sobre as emoções, examinando a natureza apaixonada das emoções, a intensidade emocional, e os reinos emocionais complexos, tais como sexo, vingança, e a necessidade de comemorar os eventos passados<sup>111</sup>.

### São emoções não lineares, dinâmicas e relacionais?

Hoje em dia, as controvérsias sobre a questão das emoções básicas perderam muito de seu calor. As teorias evolucionistas estão sendo consideradas certas quando afirmam a semelhança transcultural nas emoções (primordiais)<sup>112</sup>, e os construtivistas sociais são aceitos como estando igualmente certos, quando destacam a variação cultural nos usos e funções (elaborados) das emoções nas sociedades humanas.

Os pesquisadores da área já não endossam uma perspectiva única sobre as emoções. Em vez disso, eles convocam para modelos dinâmicos não lineares<sup>113</sup> e aprovam uma *ciência dos afetos* "unificada", isto é, uma "abordagem que seja capaz de incorporar muitos aspectos das emoções, sem tornar uma função dominante"<sup>114</sup>. A nova tendência caminha para uma "disposição fundamental para o tratamento das emoções como um fenômeno complexo e multifacetado, que torna mais

<sup>103</sup>A. Ortony and T. J. Turner, "What's Basic About Basic Emotions?" *Psychological Review*, 97 (1990): 315-331, 329.

<sup>104</sup>Ibid, 32.

<sup>105</sup>A. Wierzbicka, "Human Emotions: Universal or Culturespecific?," *American Anthropologist*, 88 (1986): 584-594, 584. Ver, também, A. Wierzbicka and J. Harkins, eds., *Emotions in Crosslinguistic Perspective* (Berlin: Mouton de Gruyter, 2001).

<sup>106</sup>B. Mesquita, "Culture and Emotion: Different Approaches to the Question," in *Emotions: Current Issues and Future Directions*, ed. T. J. Mayne and G. A. Bonanno (New York: Guilford Press, 2001), 214-250, 223.

<sup>107</sup>J. A. Russell, "Cultural Variations in Emotions: A Review," *Psychological Bulletin*, 112, no. 2 (1991): 179-204, 440.

<sup>108</sup>J. Smedslund, "From Hypothesis-Testing Psychology to Procedure-Testing Psychologic," *Review of General Psychology*, 6, no. 1 (2002): 51-72.

<sup>109</sup>Em uma comunicação pessoal em fevereiro 1, 2008. Ver J. Smedslund, "Are Frijda's "Laws of Emotion" Empirical?" *Cognition & Emotion*, 6, no. 6 (1992): 435-456.

<sup>110</sup>N. H. Frijda, "The Laws of Emotion," *American Psychologist*, 43 (1988): 349-358.

<sup>111</sup>N. H. Frijda, *The Laws of Emotion* (Hillsdale, NJ: Erlbaum, 2006).

<sup>112</sup>Ver, por exemplo, P. Ekman, "An Argument for Basic Emotions," *Cognition and Emotion*, 6 (1992): 169-200.

<sup>113</sup>T. J. Mayne and J. Ramsey, "The Structure of Emotion: A Nonlinear Dynamic Systems Approach," in *Emotions: Current Issues and Future Directions*, ed. T. J. Mayne and G. A. Bonanno (New York, London: Guilford Press, 2001), 1-37.

<sup>114</sup>G. A. Bonanno and T. J. Mayne, "Preface," in *Emotions: Current Issues and Future Directions*, ed. T. J. Mayne and G. A. Bonanno (New York: Guilford Press, 2001), xvii-xx, xix.

esperançosos a visão de uma ciência afetiva verdadeiramente interdisciplinar e mais do que um desejo piedoso”<sup>115</sup>.

“A tendência atual é a de conceituar as emoções elaboradas como um conjunto total de significados, comportamentos, práticas sociais e normas. Significados que são construídos em torno das emoções primordiais como elaboradas no interior de sociedades humanas reais. Estas abordagens apontam para o papel sistemático das emoções na interação social, nos relacionamentos e nas práticas culturais”<sup>116</sup>. Uma nova *coorte* de pesquisadores das emoções incluem os contribuidores da coletânea *Emoções: Questões atuais e direções futuras*<sup>117</sup>. As batalhas do passado referentes aos méritos relativos das teorias clássicas, o papel da cognição nas emoções, ou a questão da natureza biológica contra cultural de emoções foram abandonadas. Esses estudiosos mais jovens estão interessados sobre as emoções na vida real e em configurações situacionais concretas, e como as emoções são encaixadas em contextos sociais e culturais<sup>118</sup>.

### O estudo das emoções é do interesse das Ciências Sociais?

Outra tendência a ser observada é um interesse crescente nos fenômenos sociais. Esforços de construção de modelos matemáticos estão surgindo. Os chamados modelos baseados em agentes são modelos computacionais que simulam as operações simultâneas de múltiplos agentes em uma tentativa de recriar e prever as ações de um complexo fenômeno<sup>119</sup>.

A psicologia social, também, está se tornando uma disciplina mais “social”<sup>120</sup>. Kenneth J. Gergen diz que foi: “a partir do campo de avaliação crítica que os novos esforços estão agora vindos à tona, como tentativas de reconstituir o terreno psicológico como social”<sup>121</sup>. Segundo Gergen, esses ensaios foram inspirados pela tese de Lev Vygotsky dos processos mentais elevados, e, em algum grau, pela teoria literária pós-estrutural. Vygotsky elaborou um forte argumento no sentido de que os processos mentais fossem realocados como processos sociais: o processo mental chamado “*pensar*” se realiza no interior da comunidade em que se foi socializado. O pensamento é participação relacionada<sup>122</sup>.

**Tabela 1 - Uma seleção de autores que listam Emoções "Básicas"<sup>115</sup>**

Referencia	Emoções Fundamentais	Bases para Inclusão
Magda B. Arnold <sup>123</sup>	Raiva, aversão, coragem, tristeza, desejo, desespero, medo, ódio, esperança, amor, tristeza	Relação com tendências à ação
Paul Ekman, Wallace V. Friesen, and Phoebe C. Ellsworth <sup>124</sup>	Raiva, nojo, medo, alegria, tristeza, surpresa	Expressões faciais universais
Nico H. Frijda <sup>125</sup>	Desejo, felicidade, interesse, surpresa, espanto,	Formas de prontidão de

<sup>115</sup>K. R. Scherer, "Foreword," in *Emotions: Current Issues and Future Directions*, ed. T. J. Mayne and G. A. Bonanno (New York: Guilford Press, 2001), xiii-xv, xv.

<sup>116</sup>Por exemplo, O. H. Mowrer, *Learning Theory and Behavior* (New York: Wiley, 1960); B. Weiner and S. Graham, "An Attributional Approach to Emotional Development," in *Emotions, Cognition, and Behavior*, ed. C. E. Izard, J. Kagan, and R. B. Zajonc (New York: Cambridge University Press, 1984), 167-191

<sup>117</sup>*Ibid.*, xv.

<sup>118</sup>T. J. Mayne and G. A. Bonanno, eds., *Emotions: Current Issues and Future Directions* (New York, London: Guilford Press, 2001).

<sup>119</sup>K. R. Scherer, "Foreword," in *Emotions: Current Issues and Future Directions*, ed. T. J. Mayne and G. A. Bonanno (New York: Guilford Press, 2001), xiii-xv, xiii-xiv.

<sup>120</sup>Ver, entre outros, R. McElreath and R. Boyd, *Mathematical Models of Social Evolution: A Guide for the Perplexed* (Chicago: University of Chicago Press, 2007), E. Fehr, U. Fischbacher, and M. Kosfeld, *Neuroeconomic Foundation of Trust and Social Preferences* (London: Centre for Economic Policy Research, 2005), E. Fehr, M. Naef, and K. Schmidt, *The Role of Equality and Efficiency in Social Preferences* (London: Centre for Economic Policy Research, 2005), R. Sun, ed., *Cognition and Multi-Agent Interaction: From Cognitive Modeling to Social Simulation* (Cambridge: Cambridge University Press, 2006).

<sup>121</sup>N. Schwarz, "Warmer and More Social: Recent Developments in Cognitive Social Psychology," *Annual Review of Sociology*, 24 (1998): 239-264.

<sup>122</sup>K. J. Gergen, "Technology and the Self: From the Essential to the Sublime," in *Constructing the Self in a Mediated World*, ed. Grodin and Lindlof (London: Sage, draft of chapter retrieved January 6, 2000, from [www.swarthmore.edu/SocSci/kgergen1/text11.html](http://www.swarthmore.edu/SocSci/kgergen1/text11.html), 1996), 9.

<sup>123</sup>Adapted from A. Ortony and T. J. Turner, "What's Basic About Basic Emotions?," *Psychological Review*, 97 (1990): 315-331, 316.

<sup>124</sup>M. B. Arnold, *Emotion and Personality* (New York: Columbia University Press, 1960)

	tristeza	ação
Jeffrey A. Gray <sup>126</sup>	Raiva e terror, ansiedade e alegria	Conexões
Carroll E. Izard <sup>127</sup>	Raiva, desprezo, repulsa, angústia, medo, culpa, o interesse, a alegria, a vergonha, a surpresa	Conexões
William James <sup>128</sup>	Medo, tristeza, amor, raiva	Envolvimento corporal
William McDougall <sup>129</sup>	Raiva, nojo, alegria, medo, sujeição, concurso, emoção, maravilha	Relação com os instintos
Orval Hobart Mowrer <sup>130</sup>	Dor, prazer	Estados emocionais induzidos
Keith Oatley, and Philip N. Johnson-Laird <sup>131</sup>	Raiva, nojo, ansiedade, alegria, tristeza	Não necessitam de conteúdo proposicional
Jaak Panksepp <sup>132</sup>	Expectativa, medo, raiva, pânico	Conexo
Robert Plutchik <sup>133</sup>	Aceitação, raiva, antecipação, nojo, alegria, medo, tristeza, surpresa	Relação aos processos biológicos adaptativos
Silvan S. Tomkins <sup>134</sup>	Raiva, interesse, desprezo, repulsa, angústia, medo, alegria, vergonha, surpresa	Densidade das descargas neurais
John B. Watson <sup>135</sup>	Medo, amor e raiva	Conexões
Bernard Weiner, and Sandra Graham <sup>136</sup>	Felicidade, tristeza	Atribuição independente
Nota: Nem todos os teóricos representados nesta tabela são igualmente fortes defensores da ideia de emoções básicas. Para alguns, esta ideia é uma noção crucial <sup>137</sup> ; para outros ela possui apenas um interesse periférico <sup>138</sup> .		

Uma perspectiva relacional está se desenvolvendo em vários formatos<sup>139</sup>, a partir da necessidade de pertencer sendo reconhecida como a característica central da natureza humana<sup>140</sup>. John Bowlby vem realizando um importante trabalho sobre conectividade<sup>141</sup>. A partilha comunitária é uma forma primária de relações humanas que depende da necessidade de pertencer<sup>142</sup>. A teoria relacional da

<sup>125</sup>P. Ekman, W. V. Friesen, and P. C. Ellsworth, "What Emotion Categories or Dimensions Can Observers Judge From Facial Behavior?," in *Emotion in the Human Face*, ed. P. Ekman 2nd ed.(Cambridge: Cambridge University Press, 1982), 39-55.

<sup>126</sup>Comunicação pessoal, September 8, 1986.

<sup>127</sup>J. A. Gray, *The Neuropsychology of Anxiety* (Oxford: Oxford University Press, 1982).

<sup>128</sup>C. E. Izard, *The Face of Emotion* (New York: Appleton-Century-Crofts, 1971).

<sup>129</sup>W. James, "What Is an Emotion?," *Mind*, 9 (1884): 188-205.

<sup>130</sup>W. McDougall, *An Introduction to Social Psychology* (Boston: Luce, 1926).

<sup>131</sup>O. H. Mowrer, *Learning Theory and Behavior* (New York: Wiley, 1960).

<sup>132</sup>K. Oatley and P. N. Johnson-Laird, "Towards a Cognitive Theory of Emotions," *Cognition & Emotion*, 1 (1987): 29-50.

<sup>133</sup>J. Panksepp, "Toward a General Psychobiological Theory of Emotions," *Behavioral and Brain Sciences*, 5 (1982): 407-467.

<sup>134</sup>R. Plutchik, "A General Psychoevolutionary Theory of Emotion," in *Emotion: Theory, Research, and Experience: Vol. 1. Theories of Emotion*, ed. R. Plutchik and H. Kellerman (New York: Academic Press, 1980), 3-31.

<sup>135</sup>S. S. Tomkins, "Affect Theory," in *Approaches to Emotion*, ed. K. R. Scherer and P. Ekman (Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1984), 163-195.

<sup>136</sup>J. B. Watson, *Behaviorism* (Chicago: University of Chicago Press, 1930).

<sup>137</sup>B. Weiner and S. Graham, "An Attributional Approach to Emotional Development," in *Emotions, Cognition, and Behavior*, ed. C. E. Izard, J. Kagan, and R. B. Zajonc (New York: Cambridge University Press, 1984), 167-191.

<sup>138</sup>Por exemplo, C. E. Izard, "Human Emotions," (New York: Plenum Press, 1977); J. Panksepp, "Toward a General Psychobiological Theory of Emotions," *Behavioral and Brain Sciences*, 5 (1982): 407-467; R. Plutchik, "A General Psychoevolutionary Theory of Emotion," in *Emotion: Theory, Research, and Experience: Vol. 1. Theories of Emotion*, ed. R. Plutchik and H. Kellerman (New York: Academic Press, 1980), 3-31; S. S. Tomkins, "Affect Theory," in *Approaches to Emotion*, ed. K. R. Scherer and P. Ekman (Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1984), 163-195.

<sup>139</sup>L. S. Vygotsky, *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes* (Cambridge: Harvard University Press, 1978). Ver, também, J. S. Bruner, *Acts of Meaning* (Cambridge: Harvard University Press, 1990).

<sup>140</sup>Ver R. Spencer, "A Comparison of Relational Psychologies," in *Work in Progress, No. 5*, (Wellesley, MA: Stone Center Working Paper Series, 2000). Ver, também, por exemplo, R. F. Baumeister and M. R. Leary, "The Need to Belong: Desire for Interpersonal Attachments As a Fundamental Human Motivation," in *Motivational Science: Social and Personality Perspectives*, ed. T. E. Higgins and A. W. Kruglanski (Philadelphia: Taylor and Francis, 2000), 24-49, or A. Maalouf, *In the Name of Identity: Violence and the Need to Belong* (New York: Arcade, 2001).

<sup>141</sup>J. Bowlby, *Attachment and Loss* (New York: Basic Books, 1969).

<sup>142</sup>Ver A. P. Fiske, *Structures of Social Life: The Four Elementary Forms of Human Relations—Communal Sharing, Authority Ranking, Equality Matching, Market Pricing* (New York: Free Press, 1991).

cultura (TRC)<sup>143</sup> mencionada anteriormente, postula que as relações de fomento para o desenvolvimento da pessoa são uma necessidade humana fundamental e que as desconexões agudas ou crônicas, ou as relações como a humilhação e as violações dos direitos humanos, causam problemas psicológicos e sociais<sup>144</sup>. A TRC destaca que todos os relacionamentos são definidos e influenciados pelo contexto cultural em que eles se situam. O desenvolvimento relacional, ao invés do desenvolvimento do *Self*, é o foco principal de estudo da TRC.

A noção de enraizamento social ganha, assim, também, importância nas áreas fora da psicologia social. A sociologia da cultura sofreu uma surpreendente revitalização na Europa e na América<sup>145</sup>. Deutsch<sup>146</sup> explica que as pesquisas, em vários campos, já não se restringem, apenas, "ao cérebro". Os primeiros estudos sobre as emoções tenderam a focar os aspectos intrapessoais das emoções, mapeando os determinantes e as características da resposta emocional dentro do indivíduo (exceto na pesquisa sobre as funções interpessoais das expressões faciais), mas isso mudou. Keltner e Haidt afirmam que agora "é o momento certo para uma discussão mais geral sobre os pressupostos, reclamações e resultados empíricos que podem ser agrupados no interior de uma perspectiva social funcional sobre as emoções"<sup>147</sup>.

Muitas vozes semelhantes podem agora ser ouvidas. É um "imperativo para nós desenvolvermos modelos mais ricos de como os nossos sentimentos sobre e em torno dos membros de outros grupos podem influenciar e moldar o curso das relações intergrupais"<sup>148</sup>. O antropólogo Niko Besnier concorda com essa assertiva afirmando que "muitas emoções são construídas coletivamente e dependem fundamentalmente da interação com os outros para o seu desenvolvimento"<sup>149</sup>. As dimensões sociais inerentes ao cérebro humano são destacadas por psiquiatras<sup>150</sup>, bem como neurocientistas<sup>151</sup>. As chamadas emoções sociais (culpa, vergonha, timidez, ciúme, vergonha, por exemplo) jogam um papel crucial nas situações sociais, de acordo com Ralph Adolphs e Antonio Damasio. Eles dizem que: "se poderia prever a necessidade de respostas afetivas altamente diferenciadas,

<sup>143</sup>Ver, por exemplo, L. M. Hartling and J. Ly, "Relational References: A Selected Bibliography of Research, Theory, and Applications," in *Work in Progress*, No. 7, (Wellesley, MA: Stone Center Working Papers Series, 2000), L. M. Hartling and E. Sparks, "Relational-Cultural Practice: Working in a Nonrelational World," in *Work in Progress*, No. 97, (Wellesley, MA: Stone Center Working Papers Series, 2000), L. M. Hartling, "Prevention Through Connection: A Collaborative Response to Women's Substance Abuse," in *Work in Progress*, No. 103, (Wellesley, MA: Stone Center Working Papers Series, 2003), L. M. Hartling, "Strengthening Resilience in a Risky World: It Is All About Relationships," in *Work in Progress*, No. 101, (Wellesley, MA: Stone Center Working Papers Series, 2003), J. V. Jordan and L. M. Hartling, "New Developments in Relational-Cultural Theory," in *Rethinking Mental Health and Disorder*, ed. M. Ballou and L. Brown (New York: Guilford Press, 2002), 48-70, J. V. Jordan, M. Walker, and L. M. Hartling, *The Complexity of Connection* (New York: The Guilford Press, 2004), J. B. Miller and I. P. Stiver, *The Healing Connection: How Women Form Relationships in Therapy and in Life* (Boston: Beacon Press, 1997), M. Walker and W. Rosen, *How Connections Heal: Stories From Relational-Cultural Therapy* (Wellesley, MA: Guilford Press, 2004).

<sup>144</sup>J. V. Jordan and L. M. Hartling, "New Developments in Relational-Cultural Theory," in *Rethinking Mental Health and Disorder*, ed. M. Ballou and L. Brown (New York: Guilford Press, 2002), 48-70.

<sup>145</sup>Ver, por exemplo, R. Munch and N. J. Smelser, eds., *Theory of Culture* (Berkeley, CA: University of California Press, 1992).

<sup>146</sup>Comunicação pessoal, December 2004.

<sup>147</sup>D. Keltner and J. Haidt, "Social Functions of Emotions at Four Levels of Analysis," *Cognition & Emotion*, 13, no. 5 (1999): 505-521, 506.

<sup>148</sup>G. V. Bodenhausen, T. Mussweiler, S. Gabriel, and K. N. Moreno, "Affective Influences on Stereotyping and Intergroup Relations," in *Handbook of Affect and Social Cognition*, ed. J. P. Forgas (Mahwah, NJ: Erlbaum, 2001), 319-343, 338.

<sup>149</sup>N. Besnier, "The Politics of Emotion in Nukulaelae Gossip," in *Everyday Conceptions of Emotion*, ed. J. A. Russell, J. M. Fernández-Dols, A. S. R. Manstead, and J. C. Wellenkamp (Dordrecht: Kluwer Academics, 1995), 221-240, 236.

<sup>150</sup>Ver, entre outros, L. Brothers, *Friday's Footprint: How Society Shapes the Human Mind* (New York: Oxford University Press, 1997).

<sup>151</sup>J. T. Cacioppo, G. G. Berntson, R. Adolphs, C. S. Carter, R. J. Davidson, M. K. McClintock, B. S. McEwen, M. J. Meaney, D. L. Schacter, E. M. Sternberg, S. S. Suomi, and S. E. Taylor, eds., *Foundations in Social Neuroscience* (Cambridge, MA: MIT Press, 2002), J. T. Cacioppo and G. G. Berntson, eds., *Essays in Social Neuroscience* (Cambridge, MA: MIT Press, 2004), T. R. Insel and R. D. Fernald, "How the Brain Processes Social Information: Searching for the Social Brain," *Annual Review of Neuroscience*, 27: (2004): 697-722, J. Panksepp, *Affective Neuroscience: The Foundations of Human and Animal Emotions* (New York: Oxford University Press, 1998), D. J. Siegel, *The Developing Mind: Toward a Neurobiology of Interpersonal Experience* (New York: Guilford Press, 1999).

justamente para orientar a cognição e o comportamento nos domínios de maior complexidade, e, certamente, o domínio social é o mais complexo de todos<sup>152</sup>.

Keltner e Haidt pontuam que "pode ser a hora de se estudar as interações e práticas sociais que giram em torno das emoções"<sup>153</sup>. Os autores explicam como as práticas culturais elaboram as emoções mais primordiais (por exemplo, no interior dos rituais de apaziguamento) de maneira que transformam estas emoções primordiais em novas práticas (por exemplo, como emoções primordiais, como o desgosto, são frequentemente relacionadas com ideologias "*repulsivas*")<sup>154</sup>.

Keltner e Haidt conclamam os estudiosos a se concentrarem no estudo das emoções no interior da prática social, tratando a díade ou o grupo como a sua unidade básica de análise e não o indivíduo, e incluindo nele objetos e práticas culturais: por exemplo, os manuais de etiqueta, os textos religiosos ou instituições. Eles sugerem que é "precisamente no olhar em direção a esses tipos de interações e práticas, que se pode encontrar as emoções culturalmente elaboradas"<sup>155</sup>.

Galen V. Bodenhausen e colegas estudaram as influências afetivas em fenômenos como os estereótipos e as relações entre grupos. Eles diferenciaram efeito integral (crônico ou episódico), e efeito incidental<sup>156</sup>. Eles definem efeito incidental como resultante de razões fora do contexto intergrupar em si – deslocadas de outros eventos. O efeito integral, em contrapartida, é provocado pelo próprio grupo, seja através de sentimentos crônicos sobre o grupo ou como efeito episódico, por exemplo, quando se tem uma interação agradável com um membro de um grupo diferente de que não se gostava<sup>157</sup>. Os autores clamam por mais pesquisas:

“Devemos entender... muito mais sobre os efeitos potencialmente distintos de diversos tipos de afeto integral e incidental (por exemplo, a culpa, o orgulho, a ira, o ressentimento, a inveja, o nojo). A investigação sobre o impacto do efeito sobre os primeiros estágios da percepção da pessoa (ou seja, a identificação da categoria e a ativação de estereótipo) é claramente necessária também”<sup>158</sup>.

As funções sociais das emoções, especialmente a ira, a vergonha e a culpa também têm sido abordadas<sup>159</sup>.

Em suma, as pesquisas sobre as emoções atualmente englobam um amplo foco transdisciplinar. Os investigadores têm percebido que as funções interacionais das emoções e a sua inserção em contextos sociais e culturais indicam que a pesquisa sobre as emoções devem abranger "para além dos limites da psicologia das emoções, outras áreas da psicologia (cognição, motivação, da personalidade, psicopatologia e desenvolvimento, para mencionar alguns dos mais óbvios), e outras disciplinas (que vão das neurociências à antropologia cultural)"<sup>160</sup>. Nós vemos uma grande onda de pesquisa e de teoria em uma variedade de disciplinas sobre as conexões entre as emoções e o ambiente social<sup>161</sup>.

<sup>152</sup>R. Adolphs and A. R. Damasio, "The Interaction of Affect and Cognition: A Neurobiological Perspective," in *Handbook of Affect and Social Cognition*, ed. J. P. Forgas (Mahwah, NJ: Erlbaum, 2001), 27-49, 43.

<sup>153</sup>D. Keltner and J. Haidt, "Social Functions of Emotions," in *Emotions: Current Issues and Future Directions*, ed. T. J. Mayne and G. A. Bonanno (New York: Guilford Press, 2001), 192-213, 207.

<sup>154</sup>Ibid.

<sup>155</sup>Ibid.

<sup>156</sup>G. V. Bodenhausen, "Emotions, Arousal, and Stereotypic Judgments: A Heuristic Model of Affect and Stereotyping," in *Affect, Cognition, and Stereotyping*, ed. D. M. Mackie and D. L. Hamilton (San Diego, CA: Academic Press, 1993), 13-37.

<sup>157</sup>G. V. Bodenhausen, T. Mussweiler, S. Gabriel, and K. N. Moreno, "Affective Influences on Stereotyping and Intergroup Relations," in *Handbook of Affect and Social Cognition*, ed. J. P. Forgas (Mahwah, NJ: Erlbaum, 2001), 319-343, 320-321.

<sup>158</sup>Ibid., 338.

<sup>159</sup>Ver, por exemplo, N. H. Frijda and B. Mesquita, "The Social Roles and Functions of Emotions," in *Emotion and Culture: Empirical Studies of Mutual Influence*, ed. S. Kitayama and H. R. Markus (Washington, DC: American Psychological Association, 1994), 51-87, or B. H. Rosenwein, *Anger's Past: The Social Uses of an Emotion in the Middle Ages* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1998), C. Z. Stearns and P. N. Stearns, *Anger: The Struggle for Emotional Control in America's History* (Chicago: University of Chicago Press, 1986); ver sobre o amor, por exemplo, F. Amini, R. Lannon, and T. Lewis, *A General Theory of Love* (New York: Vintage, 2001).

<sup>160</sup>K. R. Scherer, "Foreword," in *Emotions: Current Issues and Future Directions*, ed. T. J. Mayne and G. A. Bonanno (New York: Guilford Press, 2001), xiii-xv, xiv.

<sup>161</sup>Ver, entre muitos outros, T. D. Kemper, "Sociological Models in the Explanation of Emotions," in *Handbook of Emotions*, ed. M. Lewis and J. M. Haviland (New York: Guilford Press, 1993), 41-51; C. A. Lutz and L. Abu-Lughod, eds., *Language and the Politics of Emotion* (Cambridge: Cambridge University Press, 1990); J. Tooby and

## As emoções interessam a Neurociência?

A neurociência documenta a inserção das emoções nos contextos de evolução e cultura<sup>162</sup>. As emoções, de acordo com Steven Pinker, refletem a estrutura das condições ancestrais humanas e os processos evolutivos para ultrapassá-las<sup>163</sup>. Para Pinker, as emoções são adaptações que servem aos nossos objetivos em um mundo de causas e os efeitos.

Os sentimentos complexos que vivemos fazem parte de um desenvolvimento evolucionário relativamente tardio. Os seres humanos apresentam uma maior variedade de sentimentos e de emoções em relação às demais espécies, refletida na maior rede de conexões entre a área pré-frontal e as estruturas límbicas evolutivas mais antigas. Como Walter J. Freeman postula, de início a consciência existiu como consciência de grupo e só recentemente passou por um processo de individuação<sup>164</sup>. Em termos evolutivos, a consciência de um indivíduo moderno que diz "eu", isto é, a emergência de um *Self* individualizado, é recente, e só ocorreu tardiamente, no decorrer do século XVII.

O cérebro não é uma estrutura que tenha sido "planejada" de maneira sistemática. Ele se tem evolido através dos avanços evolutivos. A comunicação e a coordenação entre as várias estruturas do cérebro são imperfeitas e entrelaçadas com a aprendizagem e a experiência<sup>165</sup>. Stephen W. Porges escreveu o capítulo intitulado "As emoções: um subproduto evolutivo da regulação neural do sistema nervoso autônomo"<sup>166</sup>. Enquanto que os recém-nascidos podem processar simulações básicas nas estruturas cerebrais inferiores, as emoções mais elaboradas, por sua vez, evoluem ao longo do tempo e são tratadas por diferentes áreas do cérebro. As "novas emoções", como a vergonha e o constrangimento surgem apenas quando certos marcos cognitivos foram alcançados<sup>167</sup>. Na segunda metade do segundo ano de vida, a capacidade cognitiva da autoconsciência objetiva emerge, com emoções tais como a vergonha, a empatia e a inveja<sup>168</sup>. Entre dois e três anos de idade, a habilidade mais complexa de avaliar o comportamento de acordo com um padrão (interno ou externo) surge. As emoções autoconscientes de avaliação, tais como o orgulho, a vergonha ou a culpa são agora possíveis<sup>169</sup>. Os esquemas de emoções sobre o que acreditamos, esperamos e reagimos se desenvolvem<sup>170</sup>. Por fim, a cognição e as simulações estão fortemente ligadas aos símbolos culturais e aos sistemas de conhecimento, tais como as religiões<sup>171</sup>. Bonanno e Mayne concluem que "levando em conta as estruturas e os processos em vários níveis, seria muito difícil alguém argumentar contra sobre se as emoções podem ser consideradas básicas/universais ou culturalmente determinadas"<sup>172</sup>.

---

L. Cosmides, "The Past Explains the Present: Emotional Adaptations and the Structure of Ancestral Environments," *Ethology and Sociobiology*, 11 (1990): 375-424.

<sup>162</sup>K. N. Ochsner and L. Feldman Barrett, "A Multiprocess Perspective on the Neuroscience of Emotion," in *Emotions: Current Issues and Future Directions*, ed. T. J. Mayne and G. A. Bonanno (New York: Guilford Press, 2001), 38-81.

<sup>163</sup>S. Pinker, *The Blank Slate: The Modern Denial of Human Nature* (London: Allen Lane, 2001).

<sup>164</sup>W. J. Freeman, "Societies of Brains: A Study in the Neuroscience of Love and Hate," (Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1995).

<sup>165</sup>P. D. MacLean, *A Triune Concept of the Brain and Behavior: Hincks Memorial Lectures* (Toronto: University of Toronto Press, 1973).

<sup>166</sup>S. W. Porges, "Emotion: An Evolutionary by-Product of the Neural Regulation of the Autonomic Nervous System," in *The Integrative Neurobiology of Cognition*, ed. C. S. Carter, I. I. Lederhendler, and B. Kirkpatrick (Annals of the New York Academy of Sciences, Volume 807. New York: New York Academy of Sciences, 1997), 62-77.

<sup>167</sup>M. Lewis and L. Michalson, *Children's Emotions and Moods: Developmental Theory and Measurement* (New York: Plenum Press, 1983). Ver, também, J. Elison and S. Harter, "Humiliation: Causes, Correlates, and Consequences," in *The Self-Conscious Emotions: Theory and Research*, ed. J. L. Tracy, R. W. Robins, and J. P. Tangney (New York: Guilford, 2007), 310-329.

<sup>168</sup>M. D. Lewis, "Emotional Selforganization at Three Time Scales," in *Emotion, Development, and Selforganization: Dynamic Systems Approaches to Emotional Development*, ed. M. D. Lewis and I. Granic (New York: Cambridge University Press, 2000), 37-69.

<sup>169</sup>G. Labouvie-Vief and M. M. González, "Dynamic Integration: Affect Optimization and Differentiation in Development," in *Motivation, Emotion, and Cognition: Integrative Perspectives on Intellectual Functioning and Development*, ed. D. Y. Dai and R. J. Sternberg (Mahwah, NJ: Erlbaum, 2004), 237-272, 243.

<sup>170</sup>H. Leventhal and K. R. Scherer, "The Relationship of Emotion to Cognition: A Functional Approach to a Semantic Controversy," *Cognition and Emotion*, 1 (1987): 3-28.

<sup>171</sup>T. A. Pyszczynski, J. Greenberg, and S. Solomon, "Toward a Dialectical Analysis of Growth and Defensive Motives," *Psychological Inquiry*, 11 (2000): 301-305.

<sup>172</sup>G. A. Bonanno and T. J. Mayne, "The Future of Emotion Research," in *Emotions: Current Issues and Future Directions*, ed. T. J. Mayne and G. A. Bonanno (New York: Guilford Press, 2001), 398-410, 407.

De acordo com a teoria do processo-componente (*component-process theory*)<sup>173</sup>, a percepção de um estímulo externo primeiramente desencadeia respostas emocionais rápidas e automáticas, tais como as mudanças no tônus autonômico e na frequência cardíaca. Então, o conhecimento é obtido a partir de estruturas cerebrais mais influenciadas pela vontade consciente, tais como a memória declarativa e o raciocínio. Esses diferentes conjuntos de reações emocionais juntos mudam o estado somatossensorial do corpo, sua função somatovisceral, endócrina e neuroendócrina, o seu tônus autonômico e o funcionamento global do cérebro<sup>174</sup>.

Estudos comparativos em neuroanatomia, neurofisiológica e neuropsicológica, sugerem que as emoções, primeiro, no que tem de mais fundamental, tem algo a ver com a homeostase e é uma espécie de representação afetiva que mapeia como as mudanças no estado do corpo relacionam com a sobrevivência do organismo e seu bem-estar<sup>175</sup>. Segundo, que as emoções também monitoram o relacionamento com os estímulos sensoriais externos. O conceito psicológico de avaliação descreve como podemos avaliar o que acontece ao nosso redor, com as nossas emoções a nos dizer se é bom ou ruim. Terceiro, para muitos teóricos as emoções estão associadas com a ação, e, mais precisamente, com *tendências de ações específicas*<sup>176</sup>.

Por exemplo, a "raiva" é um conjunto de representações que se desdobra em uma forma complexa no tempo:

os correlatos neurais de raiva dirigidos a um outro indivíduo consistiria em vários mapeamentos neurais que fornecem uma representação abrangente do estímulo externo (a visão do outro indivíduo), do próprio estado corporal do organismo (por exemplo, a disponibilidade para lutar), e da relação entre os dois (que esta última é uma resposta para a primeira, e que o primeiro pode ter provocado este último)<sup>177</sup>.

A essa altura, o leitor pode estar confuso com muitos conceitos e termos. Objetivos, crenças, atitudes, afetos, emoções, sensações, estados emocionais, estados de espírito, consciência do *Self*, psique, - como trabalhar todos em conjunto? Infelizmente, vários estudos empregam termos como afeto, emoções e ânimos de uma forma que são de difícil distinção<sup>178</sup>. Por exemplo, a Agenda dos Efeitos Positivos e Negativos<sup>179</sup> avaliam os efeitos experimentados, mas, o mesmo acontece com a Escala de Emoções Diferenciais<sup>180</sup>.

Os termos *afetar* (do latim *ad + facere*, "afligir", "influenciar") e *emoção* (do latim *ex + movere*, "para sair de") têm sido frequentemente usados como sinônimos. No entanto, alguns estudiosos os diferenciam. Erika L. Rosenberg diferencia os traços afetivos dos estados afetivos<sup>181</sup>. Os traços afetivos se referem a formas estáveis ou a predisposições para responder emocionalmente, e os estados afetivos para ânimos e emoções<sup>182</sup>. Os estados de ânimo e de

<sup>173</sup>K. R. Scherer, "On the Nature and Function of Emotion: A Component Process Approach," in *Approaches to Emotion*, ed. K. R. Scherer and P. Ekman (Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1984), 293-318.

<sup>174</sup>R. Adolphs and A. R. Damasio, "The Interaction of Affect and Cognition: A Neurobiological Perspective," in *Handbook of Affect and Social Cognition*, ed. J. P. Forgas (Mahwah, NJ: Erlbaum, 2001), 27-49, 29.

<sup>175</sup>A. R. Damasio, *Descartes' Error. Emotion, Reason and the Human Brain* (New York: Avon Books, 1994), 1999; Panksepp, 1998.

<sup>176</sup>N. H. Frijda, *The Emotions* (Cambridge: Cambridge University Press, 1986); N. H. Frijda, P. Kuipers, and E. ter Schure, "Relations Among Emotion, Appraisal, and Emotional Action Readiness," *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, no. 2, August (1989): 212-228; R. S. Lazarus, *Emotion and Adaptation* (New York: Oxford University Press, 1991); R. W. Levenson, "The Intrapersonal Functions of Emotion," *Cognition & Emotion*, 13, no. 5 (1999): 481-504; J. Tooby and L. Cosmides, "The Past Explains the Present: Emotional Adaptations and the Structure of Ancestral Environments," *Ethology and Sociobiology*, 11 (1990): 375-424.

<sup>177</sup>R. Adolphs and A. R. Damasio, "The Interaction of Affect and Cognition: A Neurobiological Perspective," in *Handbook of Affect and Social Cognition*, ed. J. P. Forgas (Mahwah, NJ: Erlbaum, 2001), 27-49, 28-29.

<sup>178</sup>L. Feldman Barrett and J. A. Russell, "The Structure of Current Affect: Controversies and Emerging Consensus," *Current Directions in Psychological Science*, 8 (1999): 10-14.

<sup>179</sup>PANAS; D. Watson, L. A. Clark, and A. Tellegen, "Development and Validation of Brief Measures of Positive and Negative Affect: The PANAS Scales," *Journal of Personality and Social Psychology*, 54 (1988): 1063-1070.

<sup>180</sup>DES; C. E. Izard, *Patterns of Emotion: A New Analysis of Anxiety and Depression* (San Diego, CA: Academic Press, 1972).

<sup>181</sup>E. L. Rosenberg, "Levels of Analysis and the Organization of Affect," *Review of General Psychology*, 2 (1998): 247-270.

<sup>182</sup>Ver, por exemplo, as pesquisas em psicologia social sobre estados afetivos e processos cognitivos, de J. P. Forgas, "Feeling and Thinking: Summary and Integration," in *Feeling and Thinking: The Role of Affect in Social Cognition*, ed. J. P. Forgas (New York: Cambridge University Press, 2000), 387-406.

emoções variam em intensidade e duração<sup>183</sup>, embora os de ânimo durem mais do que os de emoção. As emoções podem ser intensas ou de curta duração; no entanto, elas podem desaparecer nos estados gerais de ânimo ao longo do tempo. Além disso, de acordo com Norbert Schwarz e de Gerald L. Clore, há uma diferença no referente. Estados de ânimo não possuem nenhum referente específico, enquanto as emoções tendem a responder a determinados eventos ou pessoas<sup>184</sup>.

Antonio R. Damásio, um dos principais pesquisadores do mundo em neurociência, diferencia sentimento e emoção em três estágios separados ao longo de um *continuum*: o primeiro diz respeito a um estado de emoções, o segundo, a um estado de sentimento, e o terceiro, um estado do sentimento tornado consciente. O primeiro estado pode ser desencadeado e executado de forma não consciente; o segundo pode ser representado de forma ainda não consciente; enquanto o terceiro é experimentado pelo organismo como contendo tanto emoções quanto sensações<sup>185</sup>.

O modelo de quaternidade, baseado na obra de Carl Jung, faz as seguintes distinções:

*Consciência*: é toda a experiência interior de uma pessoa: pensamentos, sensações do corpo, emoções, visões espirituais<sup>186</sup>.

*Ser*: às vezes chamado de *Self*, o estado integral de todos os aspectos do *Self*; pode ser cultivado a um nível mais elevado do funcionamento humano, do que o habitual.

*Mente*: parte de uma pessoa que raciocina, pensa, lembra, imagina, sente, deseja, percebe, julga e, assim, sucessivamente; a parte de uma pessoa que presta atenção.

*Corpo*: a estrutura física de uma pessoa e sua substância material; o corpo fornece os limites à personalidade e providencia um veículo para a vida.

*Emoções*: um conjunto complexo de respostas neurais que formam um padrão distinto; uma resposta automática a um estímulo, que altera o estado do próprio corpo e o estado das estruturas cerebrais que mapeiam o corpo e dá suporte ao pensamento. O resultado é por o organismo em circunstâncias favoráveis à sobrevivência e ao bem-estar<sup>187</sup>.

*Sentimentos*: a percepção de um certo estado do corpo junto com a percepção de um certo modo de pensar e de pensamentos com determinados temas. "Sentimentos experimentem o corpo"<sup>188</sup>.

*Espírito*: incorporeidade; aspectos transcendentais do ser humano; conexão com uma fonte de maior criatividade de significados; o universo, ou o divino<sup>189</sup>.

Vamos rever Adão e Eva como se intentassem aconselhamento. O conselheiro matrimonial deles acredita que o pensamento necessita de emoções para ser eficaz, e concorda com Vygotsky de que pensar é participar no interior de relações. O mote principal do conselheiro de Adão e Eva é o de que se deve ser e de que se deve experimentar, de início, as emoções sem agir sobre elas. Isso, o

<sup>183</sup>N. Schwarz and G. L. Clore, "Feelings and Phenomenal Experiences," in *Social Psychology: Handbook of Basic Principles*, ed. E. T. Higgins and A. W. Kruglanski (New York: Guilford, 1996), 433-465.

<sup>184</sup>Para perspectivas alternativas ver, por exemplo, C. D. Batson, L. L. Shaw, and K. C. Oleson, "Differentiating Affect, Mood, and Emotion: Toward Functionally Based Conceptual Distinctions," in *Review of Personality and Social Psychology: Vol. 13. Emotion*, ed. M. S. Clark (Newbury Park, CA: Sage, 1992), 294-326, or W. N. Morris, "A Functional Analysis of the Role of Mood in Affective Systems," in *Review of Personality and Social Psychology: Vol. 13. Emotion*, ed. M. S. Clark (Newbury Park, CA: Sage, 1992), 256-293.

<sup>185</sup>A. R. Damasio, *The Feeling of What Happens: Body and Emotion in the Making of Consciousness* (New York, NY: Harcourt Brace and Company, 1999), 37.

<sup>186</sup>A. Nelson, *Living the Wheel: Working With Emotion, Terror, and Bliss Through Imagery* (York Beach, ME: Samuel Weiser, 1993).

<sup>187</sup>A. R. Damasio, *Looking for Spinoza: Joy, Sorrow, and the Feeling Brain* (Orlando, FL: Harcourt, 2003).

<sup>188</sup>A. R. Damasio, *Descartes' Error. Emotion, Reason and the Human Brain* (New York: Avon Books, 1994), 151.

<sup>189</sup>A. L. Nagata, "Bodymindfulness for Skillful Communication," *Rikkyo Intercultural Communication Review*, 5 (2007): 61-76, 66. Ver, também, A. L. Nagata, *Somatic Mindfulness and Energetic Presence in Intercultural Communication: A Phenomenological/Hermeneutic Exploration of Bodymindset and Emotional Resonance* Dissertation Abstracts International, 62 (12), 5999B. (UMI No.3037968), 2002), A. Nelson, *Living the Wheel: Working With Emotion, Terror, and Bliss Through Imagery* (York Beach, ME: Samuel Weiser, 1993).

conselheiro sabe, vai mudar as suas cognições, o que, por sua vez, vai mudar as suas experiências sobre as suas emoções.

\*

**Abstract:** Research on emotions usually focuses on affect, feeling, emotion, script, character, and personality, while larger cultural contexts and an analysis of historic periods in human history are less emphasized. Dialogue with other academic fields and other cultural realms is not easy to achieve even in today's increasingly connected world. In this paper, the usual approach is therefore inverted: larger cultural contexts as they were shaped throughout human history are used as lenses to understand emotion and conflict. This is not to deny the importance of research on affect, feeling, emotion, script, character, and personality but to expand it. **Keywords:** emotions, social and psychological construction of emotions, state of art

